

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Artur Azevedo
O Mambembe



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Artur Azevedo

O Mambembe

(Teatro)

Publicado originalmente em 1904.

**Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo
(1855 – 1908)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 514



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE

*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Artur Azevedo: “*O Mambembe*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

O MAMBEMBE

BURLETA EM TRÊS ATOS E DOZE QUADROS

Representada pela primeira vez no Teatro Apolo, do Rio de Janeiro, no dia 7 de dezembro de 1904 e reprisada no Teatro Municipal, no dia 12 de novembro de 1959 e, em seguida, no Teatro Copacabana, durante cinco meses consecutivos.

PERSONAGENS ATORES

MALAQUIAS, *MOLEQUE*

EDUARDO

DONA RITA

LAUDELINA

FRAZÃO

MONTEIRO, *NEGOCIANTE*

GARÇOM N.N.

PRIMEIRO FREGUÊS

SEGUNDO FREGUÊS

FÁBIO, *LITERATO*

BROCHADO

LOPES

UM MENINO N. N.

VILARES

MARGARIDA

FLORÊNCIO

ISAURA

COUTINHO

VIEIRA

VELHO ATOR

CRIADO JOAQUIM

VELHOTE

CHEFE DO TREM

OS HABITANTES 5 N. N.

CAPITÃO IRINEU

CORONEL PANTALEÃO

CARRPATINI

A BANDA N. N. 2 N. N.

BONIFÁCIO ARRUDA

DONA BERTOLESA N. N.

SUAS FILHAS N. N.

SUBDELEGADO

CARREIRO
SOLDADOS N. N.
ALFERES XANDICO
MAJOR ANASTÁCIO PINTO
CAPITÃO JUCA TEIXEIRA
CORONEL CHICO INÁCIO
MADAMA
UMA DOCEIRA N. N.
UMA VENDEDORA N. N.
UM CAPOEIRA N. N.
OUTRO CAPOEIRA N. N.
PRIMEIRA SENHORA N. N.
OS MENINOS N. N.
UM CASAL N. N.
SEGUNDA SENHORA N. N.
PRIMEIRA MOÇA N. N.
SEGUNDA MOÇA N. N.
O PADRE N. N.
O SACRISTÃO N. N.
EUSTÁQUIO N. N.
JOGADORES N. N.
UM BÊBEDO N. N.
OS VIOLEIROS N. N.
DONA MAFALDA
MAJOR CARNEIRO
TENENTE GUEDES N. N.
DONA CONSTANÇA N. N.
MANDUCA N. N.
TUDINHA N. N.
TOTÓ N. N.
CHIQUINHA N. N.
ZECA N. N.
NHÔ TEDO N. N.
NHÔ TICO N. N.
NHÁ MARIANA N. N.
UM ESPECTADOR N. N.
FIGURINOS N. N.
MAQUINISTA
FOTOGRAFIAS N. N.
MAESTRO
CONTRA-REGRA N. N.
ELETRICISTA N. N.
QUADROS

PRIMEIRO QUADRO: A PRIMEIRA DAMA

SEGUNDO QUADRO: QUARTEL-GENERAL TEATRAL

TERCEIRO QUADRO: O LUÍS FERNANDES DE CATUMBI

QUARTO QUADRO: SEGUE O MAMBEMBE

QUINTO QUADRO: CAVANDO...

SEXTO QUADRO: MAMBEMBEIROS EM APUROS

SÉTIMO QUADRO: AO PITO ACESO

OITAVO QUADRO: VIVA O DIVINO

NONO QUADRO: UM DUO AMOROSO

DÉCIMO QUADRO: UM DRAMA NO PITO ACESO

DÉCIMO PRIMEIRO QUADRO: O UBATATÁ

DÉCIMO SEGUNDO QUADRO: A ARTE DRAMÁTICA

ATO PRIMEIRO

QUADRO I

Sala de um plano só em casa de dona Rita. Ao fundo, duas janelas pintadas. Porta à esquerda dando para a rua, e porta à direita dando para interior da casa.

CENA I

MALAQUIAS, moleque, depois EDUARDO.

(Ao levantar o pano, a cena está vazia. Batem à porta da esquerda.)

MALAQUIAS (Entrando da direita.) — Quem será tão cedo? Ainda não deu oito horas! (Vai abrir a porta da esquerda.) Ah! é seu Eduardo!

EDUARDO (*Entrando pela esquerda.*) — Adeus, Malaquias. Quê dona Rita? Já está levantada?

MALAQUIAS — Tá lá dentro, sim, *sinhô*.

EDUARDO — E dona Laudelina?

MALAQUIAS — Inda tá *drumindo*, sim, *sinhô*.

EDUARDO — Vai dizer a dona Rita que eu quero falar com ela.

MALAQUIAS — Sim, *sinhô*. (*Puxando conversa.*) Seu Eduardo *onte tava bom memo!*

EDUARDO — Tu assististe ao espetáculo?

MALAQUIAS — Ora, eu não falho! *Siá* dona Rita não me leva, mas eu fujo e vou. Fico no fundo espiando só!

EDUARDO — Gostas do teatro, hein?

MALAQUIAS — Quem é que não gosta do que é *bão*? Que coisa bonita quando seu Eduardo fingia que morreu quase no fim! Xi! Parecia que *tava* morrendo *memo*. Só se via o branco do olho! E dona Laudelina ajoelhada, abraçando seu Eduardo! Seu Eduardo *tava* morrendo, mas *tava* gostando, não é, seu Eduardo?

EDUARDO — Gostando, por quê? Cala-te!

MALAQUIAS — Então *Malaquia* não sabe que seu Eduardo gosta de dona Laudelina?

EDUARDO — E ela?... Gosta de mim?

MALAQUIAS — Eu acho que gosta... pelo *meno* não gosta de outro... eu sou fino; se ela tivesse outro namorado, eu via logo. Aquele moço que mora ali no chalé *azu*, que diz que é guarda-livro, outro dia quis se *engraçá* com ela e ela bateu coa *jinela* na cara dele: pá... eu gostei *memo* porque gosto de seu Eduardo, e sei que seu Eduardo gosta dela!

EDUARDO — Toma lá quinhentos réis.

MALAQUIAS — Ih! Obrigado, seu Eduardo. (*Vai a sair pela direita. Entra dona Rita.*)

DONA RITA — Que ficaste fazendo aqui, moleque?

MALAQUIAS — Nada, não, senhora; fui *abri* a porta a seu Eduardo e ia *dizê* a *vosmecê* que ele *tava* ai.

DONA RITA — Vai acabar de lavar a louça, mas vê lá se me quebras alguma coisa. (*A Eduardo.*) Não se passa um dia que este capeta não me quebra um prato... um copo... uma xícara... Vai!

MALAQUIAS — Sim, senhora. (*Sai pela direita.*)

CENA II

EDUARDO, DONA RITA.

DONA RITA — Bom-dia. (*Aperta -lhe a mão.*) O senhor madrugou! EDUARDO — Diga antes: “O senhor não dormiu”, que diz a verdade. Ah, dona Rita! Quem ama como eu amo não dorme!

DONA RITA — Pois o senhor deve estar moído! Olhe que aquele papel de Luís Fernandes não é graça! E o senhor representa ele com tanto calor!

EDUARDO — Porque o sinto, porque o vivo! O meu trabalho seria outro, se outra fosse a morgadinha...

DONA RITA (*Sorrindo.*) — Acredito.

EDUARDO — Mas a morgadinha é ela, é dona Laudelina, sua afilhada, sua filha de criação, que “eu amo cada vez mais com um amor ardente, louco, dilacerante, ó Cristo, ó Deus!”

DONA RITA — Esse pedacinho é da peça.

EDUARDO — É da peça, mas adapta -se perfeitamente à minha situação! “Sempre, sempre esta visão fatal a perseguir -me! No sonho, na vigília, em toda a parte a vejo, a sigo, a adoro! Como me entrou no coração este amor, que não posso arrancar sem arrancar o coração e a vida?” Tudo isto é da peça, mas vem ao pintar da faneca.

COPLAS

I

Eu vivia feliz no meu cantinho,

Sem a mais leve preocupação,
Fazendo os meus galãs no teatrinho
Ou trabalhando na repartição;
Minha vida serena deslizava,
Como barquinho em bonançoso mar;
Apesar de amator, eu não amava,
Eu não amava nem queria amar.

II

Mas, de repente, vida tão serena,
Buliçosa, agitada se tornou:
Eu comecei a amar fora de cena,
E o mesmo homem de outrora já não sou.
Foi dona Laudelina que esta chama
Veio aqui dentro um dia espreitar,
Mas, conquanto amadora, ela não me ama,
Ela não me ama nem me quer amar.

DONA RITA — Acalme-se, seu Eduardo, o senhor não está em si. Vamos, sente-se nesta cadeira e me diga qual o motivo da sua visita à hora em que não costuma entrar nesta casa outro homem senão o do lixo.

(*Sentam-se ambos.*)

EDUARDO — Pois não adivinha o que aqui me trouxe? O meu amor! Se vim tão cedo, foi porque tinha a certeza de que dona Laudelina ainda estava recolhida ao seu quarto.

DONA RITA — Naturalmente; o papel da morgadinha também é muito fatigante, e Laudelina é uma amadora: não é uma atriz, não se sabe poupar, como bem disse ontem o Frazão.

EDUARDO — Mas a senhora também representou a morgada, e aí está fresca e bem disposta.

DONA RITA — Oh! O papel da morgada é um papel de dizer... Eu faço ele com uma perna às costas... Ah, se o senhor me visse na *Nova Castro*, quando meu marido era vivo e eu tinha menos quinze anos!

EDUARDO — A senhora é uma das mais distintas amadoras do Rio de Janeiro.

DONA RITA — Obrigada. O teatro foi sempre a minha paixão... o teatro particular, bem entendido, porque na nossa terra ainda há certa prevenção contra as artistas.

EDUARDO — O preconceito...

DONA RITA — Como o senhor sabe, Laudelina é órfã de pai e mãe... não tem parentes nem aderentes... veio para a minha companhia assinzinha, e fui eu que eduquei ela. Quando descobri que a pequena tinha tanta queda para o teatro, fiquei contente, e consenti, com muito prazer, que ela fizesse parte do Grêmio Dramático Familiar de Catumbi, sob condição de só entrar nas peças em que também eu entrasse. Mas lhe confesso, seu Eduardo, que tenho os meus receios de que ela pretenda seriamente abraçar a carreira teatral...

EDUARDO — Sim... aquele fogo... aquele entusiasmo... aquele talento inquietam...

DONA RITA — O senhor queixa -se de que ela não faz caso do senhor...

EDUARDO — Não! Não é disso que me queixo; sim, porque, afinal, não posso dizer que ela não faça caso de mim... Mas não é franca, de modo que não sei se sou ou não correspondido, e é esta incerteza que me acabrunha!

DONA RITA — É que Laudelina, por enquanto, só tem um namorado: o teatro; só tem uma paixão: a arte dramática. Ah! Mas eu sei o que devo fazer...

EDUARDO — Que é?

DONA RITA — Afastar-nos completamente do Grêmio Dramático Familiar de Catumbi. Se preciso for, mudar-nos-emos para outro bairro, e adeus teatrinho!

EDUARDO — Mas há teatrinho em todos os bairros!

DONA RITA — Sempre há de haver algum em que não haja. Verá então que, afastada desse divertimento, ela olhará para o senhor com outros olhos, porque, francamente, seu Eduardo, eu bem desejava que o senhor se casasse com ela.

EDUARDO — Ah!

DONA RITA — Onde poderá Laudelina encontrar melhor marido? O senhor, não é por estar em sua presença, é um moço de boa família, estima ela deveras e tem um bom emprego.

EDUARDO — Obrigado, dona Rita! As suas palavras enchem-me de esperança e alegria! Peço-lhe que advogue a minha causa. Foi só para fazer-lhe este pedido que vim à sua casa à hora do homem d o lixo.

DONA RITA — Já tenho falado a ela muitas vezes no senhor. Não posso obrigar ela, mesmo porque já é maior... mas prometo empregar toda a minha autoridade de mãe adotiva para convencê-la de que deve ser sua esposa. *(Levanta-se.)*

EDUARDO *(Levantando-se.)* — A senhora é o meu bom anjo!

Quero beijar-lhe as mãos, e de joelhos!... *(Ajoelha-se diante de dona Rita.)*

CENA III

OS MESMOS, LAUDELINA.

LAUDELINA *(Entrando.)* — “Um discípulo de Voltaire ajoelhado aos pés da cruz!”

EDUARDO *(Erguendo-se.)* — “A cruz é o amparo dos que padecem...”

DONA RITA — Alto lá! ... Olhem que eu não sou cruz!

LAUDELINA — “E padece? Por minha causa, não é verdade? Fui injusta, bem sei; nas frases que soltara ao vento, decerto por desfastio, quis ver uma ofensa. Era cruel, sinto-o agora. Esqueçamos isso, e sejamos amigos bons e leais, sim?” *(Apertando-lhe a mão com uma risada e mudando de tom.)* Como passou a noite, seu Eduardo?

EDUARDO — Em claro, pensando no meu amor!

LAUDELINA — Também eu pensando no meu triunfo! Que bela noite! Nunca me senti tão bem no papel de morgadinha! O efeito foi estrondoso! Estava na platéia o ator Frazão...

DONA RITA — Foi convidado pela diretoria.

LAUDELINA — Com que entusiasmo batia palmas! Via-se que aquilo era sincero! Depois do quarto ato foi cumprimentar-me na caixa! Deu-me um abraço, e disse-me: “Filha, tu não tens o direito de não estar no teatro; cometes um estelionato, de que é vítima a arte.”

DONA RITA — O Frazão disse-te isso?

LAUDELINA — Sim, senhora!

DONA RITA — Pois se eu ouvisse, tinha lhe dado o troco. (*Outro tom.*) Mas que me dizem daquela minha fala? “Por que se envergonha de chorar diante de mim? Sou mãe dela e não hei de saber o quanto custará perdê-la?”

EDUARDO (*Escondendo o rosto nas mãos.*) — “Ah! quanto padeço!”

DONA RITA — “Ânimo, filho, então? Quando chegar ao “acaso” da vida”...

EDUARDO (*Emendando.*) — “Ocaso”. A senhora sempre diz ‘acaso’, mas é “ocaso”.

DONA RITA — Ocaso? Que diabo é acaso?

EDUARDO — É o pôr do sol... O ocaso da vida quer dizer o fim da vida.

DONA RITA — No papel está “acaso”.

LAUDELINA — Foi erro do copista, dindinha. Seu Eduardo tem razão.

DONA RITA — Enfim... (*Representando.*) “Quando chegar ao, acaso...”

EDUARDO e LAUDELINA — Ocaso.

DONA RITA — Já estou viciada. (*Representando.*) “Quando chegar ao ocaso da vida e, voltando os olhos para esta quadra tempestuosa, lhe disser a consciência que soube cumprir um dever, há de sentir uma consolação sublime, uma legítima ufania!” (*Outro tom.*) Muito sentimento, hein?

LAUDELINA — E então eu? (*Representando.*) “A nada mais se atende, não é assim? Ela que se console com a idéia do dever, das leis da sociedade, exatamente? quando acabava de calcar essas leis, para voar, num ímpeto de abnegação, para quem de joelhos lhe implorava amor?”

EDUARDO (*Idem*) — “Ah, não me fale assim, se não quer que eu perca a pouca razão que me resta! (*Tomando as mãos de Laudelina.*) Não vês que te amo mais loucamente do que nunca? Não vês que uma palavra tua me arroja de novo ao abismo?”

LAUDELINA (*Idem.*) — “Vejo que te importa”... (*Tem uma hesitação de memória.*)

DONA RITA (*Sugerindo-lhe.*) — ...“se eu me arrojo”...

LAUDELINA — “Que te importa, se eu me arrojo a ele contigo? (*Frazão aparece à porta da esquerda.*) Amas-me e hesitas ainda? Tudo mais que vale? Há aqui obstáculos que se opõem ao nosso afeto? Receias a luta? As apreensões dos teus, os desprezos dos outros? Mas tens o meu amor e isso te basta! Fugamos ambos; vamos esconder bem longe de Portugal o nosso flóreo ninho!” (*Eduardo vai cingi -la de acordo com a rubrica da peça, mas Frazão que aos poucos se tem aproximado dela enlevado, empurra Eduardo.*)

FRAZÃO — Saia daí, seu arara! Eu já tenho representado o papel de Luís Fernandes mais de cinquenta vezes! (*Enlaçando Laudelina.*) “Ah! Caia sobre mim o desprezo do mundo, a maldição de Deus, persiga -me o remorso, espere-me o inferno, mas agora é que te juro que ninguém te arrancará dos meus braços!” (*Outro tom.*) Bravos, bravos, filha! Tens muito talento! Quem to diz é o Frazão!

CENA IV

OS MESMOS, FRAZÃO.

FRAZÃO (*Para Eduardo.*) — Desculpe se o chamei arara, meu caro amador: foi sem querer; reconheço, pelo contrário, que o senhor é um curioso de muita habilidade. Mas que esquisitice é esta? A isto é que se pode chamar amor da arte! Pois representaram a peça ontem à noite, e hoje pela manhã já estão a ensaiá-la de novo?

DONA RITA — Não, senhor, não era um ensaio... isto veio naturalmente, na conversa; mas... a que devo a honra de sua visita? FRAZÃO — Preciso falar-lhe, minha senhora. Escolhi esta hora matinal porque tenho o dia todo ocupado, visto que depois de amanhã devo partir com a companhia que estou organizando.

EDUARDO — Vejo que sou demais.

FRAZÃO — Não, demais não é; entretanto, o assunto que aqui me traz é muito reservado.

EDUARDO — Retiro-me, mesmo porque tenho que ir a uma cobrança a mando do patrão. (*Indo apertar a mão de dona Rita.*) Até logo, dona Rita. (*Baixo.*) Desconfio desta visita... não caia!...

DONA RITA — Deixe estar.

EDUARDO (*Subindo e indo cumprimentar Laudelina.*) — Até logo, dona

Laudelina.

LAUDELINA — Até logo, seu Eduardo.

EDUARDO — Passar bem, senhor Frazão.

FRAZÃO — Adeus, jovem, e esqueça-se daquele arara... Foi sem querer.

EDUARDO — Ora! (*Sai.*)

CENA V

FRAZÃO, DONA RITA, LAUDELINA.

LAUDELINA — Também eu me retiro.

FRAZÃO — Não; a senhora pode ficar, porque a conversa lhe diz respeito.

DONA RITA — Sentemo-nos. (*À parte.*) Pois sim!

FRAZÃO — Sentemo-nos. (*Sentam-se os três.*) O caso é este, minha senhora... vou expor-lho em poucas palavras, porque não tenho tempo a perder. Os meus minutos estão contados. Devo cavar três contos de réis de hoje para amanhã. (*Pausa.*) Como a senhora sabe, a vida do ator no Rio de Janeiro é cheia de incertezas e vicissitudes. Nenhuma garantia oferece. Por isso, resolvi fazer-me, como antigamente, empresário de uma companhia ambulante, ou, para falar com toda a franqueza, de um mambembe.

AS DUAS — Mambembe?

FRAZÃO — Dar-se-á caso que não saibam o que é um mambembe? Nunca leram o *Romance cômico*, de Scarron?

AS DUAS — Não, senhor.

FRAZÃO — É pena, porque eu lhes diria que o mambembe é o romance cômico em ação e as senhoras ficariam sabendo o que é. Mambembe é a companhia nômade, errante, vagabunda, organizada com todos os elementos de que um empresário pobre possa lançar mão num momento dado, e que vai, de cidade em cidade, de vila em vila, de povoação em povoação, dando espetáculos aqui e ali, onde encontre um teatro ou onde possa improvisá-lo. Aqui está quem já representou em cima de um bilhar!

LAUDELINA — Deve ser uma vida dolorosa!

FRAZÃO — Enganas-te, filha. O teatro antigo principiou assim, com Téspis, que viveu no século VI antes de Cristo, e o teatro moderno tem também o seu mambembeiro no divino, no imortal Molière, que o fundou. Basta isso para amenizar na alma de um artista inteligente quanto possa haver de doloroso nesse vagabundear constante. E, a par dos incômodos e contrariedades, há o prazer do imprevisto, o esforço, a luta, a vitória! Se aqui o artista é mal recebido, ali é carinhosamente acolhido. Se aqui não sabe como tirar a mala de um hotel, empenhada para pagamento de hospedagem, mais adiante encontra todas as portas abertas diante de si. Todos os artistas do mambembe, ligados entre si pelas mesmas alegrias e pelo mesmo sofrimento, acabam por formar uma só família, onde, embora às vezes não o pareça, todos se amam uns aos outros, e vive -se, bem ou mal, mas vive-se!

LAUDELINA — E... a arte?

FRAZÃO — Tudo é relativo neste mundo, filha. O culto da arte pode existir e existe mesmo num mambembe. Os nossos primeiros artistas — João Caetano, Joaquim Augusto, Guilherme Aguiar, Xisto Bahia — todos mambembaram, e nem por isso deixaram de ser grandes luzeiros do palco.

LAUDELINA — Mas de onde vem essa palavra, mambembe?

FRAZÃO — Creio que foi inventada, mas ninguém sabe quem a inventou. É um vocábulo anônimo trazido pela tradição de boca em boca e que não figura ainda em nenhum dicionário, o que aliás não tardará muito tempo. Um dia disseram-me que, em língua mandinga, mambembe quer dizer pássaro. Como o pássaro é livre e percorre o espaço como nós percorremos a terra, é possível que a origem seja essa, mas nunca o averigui.

CENA VI

OS MESMOS, MALAQUIAS.

MALAQUIAS — A senhora quer que eu bote o *armoço* na mesa?

DONA RITA — Sim; o senhor Frazão almoçará conosco...

FRAZÃO — Agradecido, minha senhora; tenho muito que fazer e ainda é cedo para almoçar

DONA RITA (*A Malaquias, que em vez de se retirar ficou parado a olhar para*

Frazão, e a rir-se.) — Vai-te embora, moleque! Que fazes aí parado?

MALQUIAS (*Rindo, sem responder.*) — Eh! eh! eh!

DONA RITA — Então?

MALQUIAS — É seu Frazão... ele *tava onte* lá no teatro... Que *home* engraçado! (*Sai.*)

CENA VII

FRAZÃO, DONA RITA, LAUDELINA.

DONA RITA — Desculpe... este moleque é muito confiado... mas eu ensino ele!...

FRAZÃO — Deixe-o lá!... Isto é a popularidade, é a glória em trocos miúdos, como disse o outro.

DONA RITA — Agora diga o motivo da sua visita.

FRAZÃO — É muito simples, minha senhora. Vinha propor-lhe contratar dona Laudelina para primeira-dama da minha companhia. A minha primeira-dama, a Rosália, foi visitar, durante a nossa última excursão, uma fazenda no Capivari, e lá ficou com o fazendeiro. Já se casaram. Recebi há dias a participação do casamento.

DONA RITA — Senhor Frazão, esta menina não se destina ao teatro...

LAUDELINA — Por quê, dindinha? É uma profissão como outra qualquer!

DONA RITA — Cala -te! Pois eu havia de consentir que fosses por aí fora? Deus me livre!

FRAZÃO — Dona Laudelina nasceu para o teatro, e é pena, realmente, que não se faça atriz de profissão; entretanto, não vim aqui fazer de Mefistófoles; não tento nem seduzo ninguém. Principiei por pintar com toda a lealdade a nossa vida, com os seus altos e baixos, os seus prós e contras. Supus — desculpem-me a franqueza e não se ofendam com ela — supus que as senhoras estivessem em más condições de fortuna (*Olhando em volta de si.*), e lhes sorrisse a proposta de um empresário honesto e bem intencionado... Quero apenas ouvir de seus lábios, minha senhora, um “sim” ou um “não” Juro-lhe que não insistirei.

DONA RITA (*Resolutamente.*) — Não!

FRAZÃO (*Erguendo-se.*) — Bom! Vou tratar de procurar outra!

DONA RITA (*Erguendo-se.*) — Se eu quisesse que ela fosse atriz, não seria decerto num mambembe!

FRAZÃO — Pois deixe-me dizer, minha senhora, que o mambembe tem a vantagem de exercitar o artista. A contingência em que ele se acha de aceitar papéis de todos os gêneros e estudá-los rapidamente produz um *entraînement* salutar e contínuo, que não pode senão aproveitar ao seu talento. Dona Laudelina faria as suas primeiras armas lá fora e, quando se apresentasse ao público desta capital, seria uma atriz feita. Juro que dentro de um ano ela triunfaria nos palcos do Rio de Janeiro, e eu teria a glória de havê-la iniciado na arte!...

DONA RITA — Procure outra, seu Frazão; não é, minha filha?

LAUDELINA (*Que se conservou sentada, muito comovida, mal podendo conter as lágrimas.*) — Por meu gosto aceitava. Que futuro me espera fora do teatro? Ser costureira toda a vida? Casar com seu Eduardo, que não ganha o suficiente para viver solteiro? Encher-me de filhos e de cuidados? Se tenho realmente, como dizem, algum jeito para o teatro, não seria melhor aproveitar a minha habilidade?... (*Chora. Nisto ouve-se à direita grande bulha de louça quebrada.*)

DONA RITA — Lá o moleque me quebrou mais louça! Com licença! Vou ver o que foi. (*Sai pela direita.*)

CENA VIII

FRAZÃO, LAUDELINA.

LAUDELINA (*Erguendo-se e enxugando os olhos.*) — Senhor Frazão, quando tenciona partir com a sua companhia?

FRAZÃO — Depois de amanhã, se até lá arranjar, como espero, uma primeira-dama... e os três contos de réis.

LAUDELINA (*Resoluta.*) — Irei com o senhor.

FRAZÃO — A senhora? Mas sua madrinha...

LAUDELINA — Tenho vinte e dois anos, sou maior, sou senhora das minhas

ações, posso dispor de mim como entender. FRAZÃO — Não! Não quero contrariar essa senhora que lhe tem servido de mãe. E, deixe lá, no fundo ela não deixa ter razão.

LAUDELINA — Amanhã procurá-lo-ei... Onde mora?

FRAZÃO — Numa casa de pensão. *(Dando-lhe um cartão.)* Aí tem a minha residência. Mas veja o que vai fazer!

LAUDELINA — Descanse. Levarei hoje todo o dia a catequizar dindinha. Ela acabará, como sempre, por me fazer a vontade. E se não fizer, adeus! Não quero sacrificar-me ao bem que lhe devo!

FRAZÃO — Estás me assustando, filha! Não vá sua madrinha dizer...

LAUDELINA — Diga o que quiser! Não sou nenhuma criança! Amanhã procurá-lo-ei, senhor Frazão. *(Guarda o cartão.)*

CENA IX

FRAZÃO, LAUDELINA, DONA RITA, depois MALAQUIAS.

DONA RITA — Que estás dizendo?

LAUDELINA — A verdade! Quero ser atriz!...

FRAZÃO — Isso é uma coisa que se decidirá entre as senhoras. Lavo as mãos. E não digo mais nada! A minha responsabilidade fica salva! Minhas senhoras... *(Cumprimenta e sai pela esquerda.)*

DONA RITA — Este homem veio te desencaminhar!...

LAUDELINA — Não, dindinha... Se não fosse ele, seria outro qualquer... seria o meu próprio instinto. Depois do almoço conversaremos... espero persuadi-la... o meu destino é esse!...

DONA RITA — O teu destino é esse! Mas sabes o que te espera?

LAUDELINA — Será o que Deus quiser.

DONA RITA — Pois olha, se fores para o tal mambembe, irei contigo! Não me separarei um momento de ti!

LAUDELINA — Terei com isso muito prazer.

DONA RITA — Que dia aziago! O moleque me quebrou mais três pratos, e agora tu... (*Vendo entrar Malaquias.*) Cá está o demônio! Devias ter levado uma coça!...

MALAQUIAS — *Armoço tá na mesa.*

DONA RITA — Vamos almoçar.

LAUDELINA — Oh, o teatro!... A arte!... O público!... O imprevisto!... (*Sai.*)

DONA RITA — O diabo do tal Frazão veio pôr ela doida! ... (*Sai pela direita.*)

MALAQUIAS (*Só, arremedando Laudelina.*) — Oh, o teatro!... A arte!... O público!... *Moça tá assanhada. (Sai pela direita. Mutaçãõ.)*

QUADRO II

Botequim nos fundos de um armazém de bebidas. Ao fundo, além de uma arcada, o armazém com balcão e prateleiras e duas portas largas dando para a rua. À esquerda, a entrada de um bilhar. À direita, parede com pipas e barris. Mesinhas redondas, de mármore. Bancos.

CENA I

MONTEIRO, o CAIXEIRO, LOPES, FÁBIO, PRIMEIRO FREGUÊS, SEGUNDO FREGUÊS, FREGUESES.

(Ao levantar o pano, Monteiro, em mangas de camisa, percorre as mesas: é o dono da casa. Fábio sentado a uma mesa à esquerda escreve. Lopes sentado ao fundo lê um jornal. À direita, o Primeiro e o Segundo Fregueses bebem e conversam. Os outros fregueses fazem o mesmo. Durante o quadro entram e saem fregueses no armazém ao fundo e são servidos pelo Caixeiro. Vêem-se passar transeuntes na rua.)

PEQUENO CORO

Quer de noite, quer de dia
— Quem já viu fortuna assim? —
Nunca falta freguesia
Neste belo botequim!

PRIMEIRO FREGUÊS — É Monteiro!

MONTEIRO (*Aproximando-se.*) — Que é?

PRIMEIRO FREGUÊS (*Idem.*) — Quem é aquele sujeito que está escrevendo?
(*Apona à esquerda.*)

MONTEIRO — É o Fábio.

PRIMEIRO FREGUÊS — Que faz ele?

MONTEIRO — Nada, que eu saiba.

SEGUNDO FREGUÊS — Não lhe disse? É um vadio. Conheci-o empregado no comércio.

MONTEIRO — Sim, creio que foi... Depois fez-se poeta... andou a rabiscar nos jornais...

PRIMEIRO FREGUÊS — Que está ele escrevendo ali?

MONTEIRO (*Rindo.*) — Aquilo é uma revista-de-ano em que há três anos trabalha.

SEGUNDO FREGUÊS — Faz da tua casa o seu gabinete?

MONTEIRO — A esta hora é infalível àquela mesa... Pede uma garrafa de parati... Escreve durante duas horas... Quando se levanta, tem a revista mais uma cena e ele está que não se pode lamber!

SEGUNDO FREGUÊS — Coitado! Com semelhante processo de trabalho não poderá ir muito longe!

PRIMEIRO FREGUÊS — A tua casa é muito frequentada por gente de teatro.

MONTEIRO — Pode-se dizer que não tenho outra freguesia. Isto é uma espécie de quartel-general dos nossos atores. Entre estas paredes discutem-se peças, arrasam-se empresários, amaldiçoam-se críticos, fazem-se e desfazem-se companhias.

SEGUNDO FREGUÊS — Estão sempre a brigar uns com os outros.

MONTEIRO — Isso não quer dizer nada... Vocês vêem dois artistas dizerem-se horrores um do outro: parecem inimigos irreconciliáveis... mas a primeira

desgraça que aconteça a um deles, abraçam-se e beijam-se. Boa gente, digo - lhes eu, boa gente, injustamente julgada.

PRIMEIRO FREGUÊS (*Erguendo-se.*) — Bom! são horas!

SEGUNDO FREGUÊS (*Idem.*) — Ainda é cedo. Vem daí jogar uma partida de pauzinho.

MONTEIRO (*Apontando para a esquerda.*) — Ambos os bilhares estão desocupados.

OS DOIS — Vamos lá! Quantasavas? (*Saem pela esquerda e daí a pouco ouvem-se as bolas batendo umas nas outras.*)

CENA II

MONTEIRO, FÁBIO, LOPES, BROCHADO, o CAIXEIRO, FREGUESES.

MONTEIRO (*Indo ao encontro de Brochado, que entra.*) — É s'or Brochado! De volta! Seja bem aparecido!

BROCHADO — É verdade, cheguei hoje... (*Dando-lhe uma nota.*) e trago -lhe estas cinquentas por conta de maior quantia. Desculpe não pagar tudo.

MONTEIRO — É senhor, mais deva! Pague quando puder!...

BROCHADO — Vou ver se faço um benefício... Ah, meu amigo, aquilo lá por fora está pior que no Rio de Janeiro! Mal por mal, antes aqui... Sempre se encontra crédito.

MONTEIRO — Pois olhe, aqui está uma desgraça. O público espera pelas companhias estrangeiras.

BROCHADO — E dizer que um artista do meu valor não tem trabalho na capital do seu país! Ah, meu caro Monteiro, se eu não considerasse a arte como um sacerdócio, se lhe não tivesse sacrificado toda a minha mocidade, toda a minha existência, há muito tempo teria abandonado o teatro!... Mas que quer?... Depois de ter tido no teatro a posição que tive, não hei de ir puxar uma carroça!

MONTEIRO — Na realidade, não se compreende que o senhor não esteja empregado!

BROCHADO — Onde queria você que eu me empregasse? Para trabalhar com quem? Nem *eles* me querem, porque lhes faço sombra, nem eu os quero, porque não me confundo. Dou ainda o meu recado. Ainda há dias, em São Paulo, levantei a platéia com uma simples poesia, a “Cerração no Mar”. Todos os espectadores ficaram de pé.

LOPES (*Que deixa o seu jornal e se aproxima.*) — Eu estava lá.

BROCHADO — Ah! tu estavas lá? É ou não é exato?

LOPES — Eu sou franco. Todos os espectadores se levantaram mas foi para ir - se embora.

BROCHADO — Porque esta va terminada a poesia.

LOPES — Faltavam ainda muitos versos. Tu és um bom artista, mas tens o defeito de não estudares nada novo. Desengana-te. Com essas velharias não chegas lá! Eu sou franco!

BROCHADO — Um ignorante é o que és! Sabes lá o que é bom e o que é mau! O que eu admiro é a tua audácia! Quem és tu?... que tens feito no teatro?... E conheces-me por ventura? Já me viste no *Cabo Simão...* na *Pobre das ruínas?* No *Paralítico?*... (*Lopes encolhe os ombros e volta ao seu jornal.*)

MONTEIRO — Bom! não briguem! (*Afasta-se e vai ao balcão.*)

BROCHADO — Pretensioso!...

FÁBIO (*Que foi distraído pela discussão, levanta-se e vai a*

Brochado.) — Olá, Brochado, você por aqui! Fazia -o lá pela terra dos Andradas!

BROCHADO — Terminei a minha excursão.

FÁBIO — Em que companhia estava?

BROCHADO — Em que companhia? Ora essa! Que companhia acha você aí digna de mim? Ah não, eu não me confundo, meu caro poeta! Fiz a minha excursão sozinho.

FÁBIO — Sozinho?

BROCHADO — Antes só que mal acompanhado.

FÁBIO — E o repertório?

BROCHADO — Monólogos... poesias... cenas dramáticas... Eu cá me arranjo. Quer saber qual foi um dos meus grandes sucessos? A fala do Carnioli, da *Dalila!*

FÁBIO — “Chorava o arco”?

BROCHADO — Essa mesma.

LOPES (*Do seu lugar.*) — O Furtado Coelho dizia-a muito bem.

BROCHADO — Cala -te! Não sejas tolo! O Furtado era artificial... faltava-lhe isto... (*Bate no coração.*) e para dizer aquilo como deve ser dito, é indispensável isto... (*Idem.*)

LOPES — E isto! (*Bate na testa.*)

BROCHADO — Deixa estar que te hei de pedir umas lições. (*A Fábio.*) Idiota! O Furtado não passava de um amador inteligente. Daqui a nada aquela azêmola vai dizer que o Dias Braga, o Eugênio e o Ferreira valem mais do que eu! (*Voltando-se para Lopes.*) Olha, tenho pena que não me visses no tio Gaspar.

LOPES — Quê! Você fez os *Sinos de Corneville*?

BROCHADO — Apenas a cena do castelo... reduzida a monólogo.

LOPES — Sem a armadura?

BROCHADO — Sim, sem a armadura. Onde queria você que eu fosse buscar uma armadura? Mas arranjei uns comparsas, que fizeram de fantasmas... (*Sentando-se.*) Não gosto de falar dos mortos, mas olha que para causar na platéia um entusiasmo indescritível, não precisei de uma cabeleira de arame, como o defunto Guilherme, que Deus perdoe.

LOPES — Deus te perdoe a ti, que tem mais que perdoar.

BROCHADO — Pode falar à vontade! Faça como o público: não te tomo a sério. (*À parte.*) No Ribeirão Preto não houve meio de arranjar uma cabeleira de arame! (*A Fábio, que se tem sentado de novo.*) Que é isso?... Que está você a escrever?... Versos?...

FÁBIO — Não. Uma revista-de-ano.

BROCHADO — É o que dá. Como se intitula?

FÁBIO — O *Trouxa*.

BROCHADO — O título não é mau. Para que teatro é?

FÁBIO — Sei lá! Está escrita há três anos, de modo que de vez em quando tenho que modificá-la... pôr -lhe umas coisas... tirar-lhe outras, por causa da atualidade. Estou sempre a bulir -lhe!

BROCHADO — A sua revista é como o Teatro Lírico: sempre em obras.

FÁBIO — Dizem que o Ferraz vai organizar uma companhia para o Lucinda... talvez inaugure com o *Trouxa*. Venha cá, sente -se aqui... quero ler-lhe umas cenas... (*Brochado vai sentar-se à mesa de Fábio.*)

BROCHADO — Se você pudesse encaixar aí um personagem dramático, que só dissesse monólogos... e que estivesse sempre sozinho em cena...

FÁBIO — Esse personagem pode ser o Progresso, e aparecer na cena do eixo da Avenida Central... ou noutras, que eu inventarei.

BROCHADO — Só assim eu poderia figurar numa dessas tropas fandangas.

FÁBIO — Ouça lá! (*Gritando.*) Ó menino, outra garrafa de parati! (*A Brochado.*) Você toma outra coisa?

BROCHADO — Não; parati mesmo, que o do Monteiro é bom.

FÁBIO — Traga outro cálice! (*O Caixeiro, que estava no balcão, traz uma garrafa de parati e um cálice, que põe sobre a mesa de Fábio, e leva a outra garrafa, depois de se certificar, contra a luz, que ela está vazia. Fábio começa a ler a revista em voz baixa a Brochado, que está de costas para o público.*)

LOPES (*Vendo Monteiro.*) — O Frazão marcou a reunião para o meio-dia em ponto, e já passa.

MONTEIRO — Mais um quarto de hora, menos um quarto de hora, não quer dizer nada. Ele anda atrapalhando. Ficaram de dar-lhe o cobre às onze e meia; pode ser que tenha havido qualquer demora. O dinheiro nunca é pontual. Olhe, aí vem o Vilares e a Margarida.

CENA III

OS MESMOS, VILARES, MARGARIDA, artistas.

VILARES (*A Lopes.*) — Já chegou o homem?

LOPES — Ainda não.

MARGARIDA — Ele arranjará a primeira-dama que procurava?

LOPES — Duvido. Não há nenhuma disponível.

MARGARIDA — A falar a verdade, não sei para que essa primeira-dama. Não estou eu na companhia?

LOPES — Tu? (*Rindo-se*) Pf... Que pilhéria!

MARGARIDA — Pilhéria por quê?

VILARES — Eu sou suspeito... mas a Margarida não deixa de ter razão. Estou certo que daria conta do recado.

LOPES — É filho, pois seriamente entrou-te na cabeça que a Margarida pode fazer primeiros papéis?

VILARES — Mas por que não?

LOPES — Eu sou franco; ela...

MARGARIDA — Aqui no Rio de Janeiro não digo nada; mas no interior...

LOPES — Estás enganada: aqui no Rio de Janeiro é que o público engole tudo!

MARGARIDA — Achas então que não sirvo para nada?

LOPES — Não disse isso... tens o teu lugar no teatro... mas não podes fazer primeiros papéis. Eu sou franco!

TERCETINO

LOPES — Eu não nego que és bonita,
Que és simpática também;
Nesse olhar de amor palpita,
Toda gente te quer bem;

Mas, menina, com franqueza:
Não te basta essa beleza.

VILARES — Queres tu desanimá-la?

LOPES — É sempre o que se diz a quem verdade fala!

MARGARIDA — Deixa-o dizer o que quiser...
Pois, meu amigo, no teatro,
Quando é bonita uma mulher
Pode fazer o diabo a quatro.

LOPES — Pode fazer, ninguém o nega,
Mas não é isto ser atriz!

VILARES — Deixe-a! não sejas mau colega!

LOPES — A quem verdade fala é sempre o que se diz!

MARGARIDA — Tendo alguma habilidade,
Linda boca, olhos gentis,
Cinturinha de deidade,
Pode a gente
Certamente,
Tanto aqui como em Paris
Ser no teatro um chamariz.

LOPES — Não é isto ser atriz;
Mas tu dizes a verdade...

OS TRÊS — Sim, tu dizes a verdade...
Sim, sim, sim, digo a verdade...
Tendo alguma habilidade,
Linda boca, olhos gentis, etc.

LOPES — Contenta-te com o teu lugar.

VILARES — Não digo nada porque sou suspeito.

LOPES — Por que estás com ela? Então também eu sou...

MARGARIDA — Ora essa! então tu estás comigo?

LOPES — Não estou, mas já estive. E olha que nunca te enchi a cabeça de

caraminholas!

CENA IV

OS MESMOS, FLORÊNCIO, COUTINHO, ISAURA, outros artistas que vêm chegando aos poucos, depois VIEIRA, depois FRAZÃO.

FLORÊNCIO — O Frazão já apareceu?

VILARES — Não; mas não deve tardar.

ISAURA — Ele arranjou a primeira-dama?

LOPES — Não sei.

ISAURA — Se não arranjou, cá estou eu.

LOPES — Tu?!

ISAURA — Então?... à falta de outra...

LOPES (*A rir.*) — Pf! ... Eu sou franco: antes a Margarida.

ISAURA — Oh! a Margarida é uma principiante.

MARGARIDA — E tu és uma *acabante!*

LOPES — É filha, pois não vês que não podes dar senão caricatas?

FLORÊNCIO (*Consultando o relógio.*) — Meio-dia e meia hora... aposto que ele não arranjou o arame.

VILARES — Aí vem o pessimista!

FLORÊNCIO — Pessimista, não: filósofo; espero sempre o pior.

COUTINHO — Duvido que o Frazão venha.

TODOS — Por quê?

COUTINHO — Era quase meio -dia quando ele tomou no largo de São Francisco o bonde da Praia Formosa.

MARGARIDA — Que iria lá fazer?

COUTINHO — Sei lá!

FLORÊNCIO — Homem, se ele não aparecesse, não seria a primeira vez.

LOPES — Não seja má língua! O Frazão foi sempre homem de palavra!

FLORÊNCIO — Queres me dizer a mim quem é o Frazão?

LOPES — Ele deve-te alguma coisa?

FLORÊNCIO — Não.

LOPES — Eu sou franco. Devias ser-lhe agradecido. Estás desempregado há dois anos, e ele lembrou-se agora de ti.

FLORÊNCIO — Porque precisava.

LOPES — Querem ver que também te propões a substituir a primeira-dama?
(*Risadas.*)

MARGARIDA — Quem sabe? Talvez esta demora seja porque ele anda atrás dela.

ISAURA — Por que não manda um telegrama à Réjane?

LOPES — Se a Réjane representasse em português, tu dirias o diabo dela! Eu sou franco. (*Entra Vieira todo vestido de preto, tipo fúnebre, fisionomia triste.*)

VIEIRA — Meus senhores, bom-dia.

MARGARIDA — Como o Vieira vem triste!

VIEIRA — Algum dia me viste mais alegre?

COUTINHO — Sim, mas hoje estás mais triste que de costume.

VIEIRA — É, talvez, por causa desta viagem... vou deixar família... os filhos... não posso estar longe deles. Já tenho um nó na garganta.

FLORÊNCIO — E é que o Frazão não aparece! Pois olhem, sem adiantamento eu não posso me mexer.

VILARES — Nem eu!

COUTINHO — Nem eu. Vi uma casaca num belchior da rua da Carioca, que me assenta como uma luva. O defunto tinha o meu corpo. Mas estou com medo de não a encontrar mais... Esta demora!

PRIMEIRO FREGUÊS (*Aparecendo à porta do bilhar; com um taco na mão.*) — Ó Monteiro, tens aí um pedaço de giz?

MONTEIRO — Lá vou. (*Acode ao Primeiro Freguês.*)

FLORÊNCIO — Mas, afinal, isto é um abuso! Nós não somos criados do senhor Frazão!

LOPES — Esperem! (*Começam todos os artistas a falar ao mesmo tempo, uns a defender; outros a acusar a Frazão.*)

MONTEIRO — Que bulha é esta? Calem-se! (*Vai para a porta da rua.*)

CORO

UNS — Tenham todos paciência!
O Frazão não tardará!
Sempre é muita impertinência
Dizer que ele não virá.

OUTROS — Já me falta a paciência!
O Frazão tardando está!
E demais tanta insolência!
Grosseria assim não há!

MONTEIRO (*Vindo a correr do fundo.*)
— Supondes que o Frazão pregou-vos uma peça
Mudai de opinião,
Porquanto a toda pressa
Aí chega o Frazão!

(*Frazão aparece à porta, entra esbaforido e senta-se num banco que lhe oferecem.*)

CORO — Viva o Frazão!
Viva o Frazão!
É de Palavra o maganão!

FRAZÃO (*Sentado.*) — Quero tomar respiração. (*As mulheres abanam-no com os seus leques.*)

CORO — Toma, Frazão,
Respiração!

I

FRAZÃO — Por causa do dinheiro
Que neste embrulho está,
Andei o dia inteiro
De cá pra lá!
Fui a São Diogo,
A Andaraí,
A Botafogo
E a Catumbi.

CORO — Foi a São Diogo, etc.

II

FRAZÃO — Andei toda a cidade,
Mexi, virei, corri!
Só apanhei metade
Do que pedi!
Fui às Paineiras,
Fui ao Caju,
Às Laranjeiras
E ao Cabuçu!

CORO — Foi às Paineiras, etc.

FRAZÃO (*Erguendo-se.*) — É verdade! Vocês não imaginam como os tempos andam bichudos!

TODOS — Imaginamos.

FRAZÃO — Foi um verdadeiro trabalho de Hércules a conquista destes miseráveis dois contos de réis! E ainda me falta outro pacote que prometeram levar-me à casa logo às cinco horas, com toda a certeza. Se não vierem, estou frito!

TODOS — Hão de vir!

FRAZÃO — Vamos a isto! (*Dispõe ao centro da cena uma mesa e uma cadeira. Senta-se e tira do bolso um papel e um lápis.*)

MARGARIDA (*Durante esse movimento.*) — Então? Já arranhou a primeira-dama?

FRAZÃO — Já.

TODOS—Já! Quem é? Quem é?...

FRAZÃO — É uma surpresa. A seu tempo saberão. Vamos aos adiantamentos. (*Chamando.*) Lopes!

LOPES — Pronto!

FRAZÃO (*Dando-lhe dinheiro.*) — Aí tens. Confere. LOPES — Está certo.

FRAZÃO — Florêncio !

FLORÊNCIO — Pronto! (*Todos os artistas, de costas voltadas para o público, formam um círculo em volta da mesa em que está Frazão distribuindo o dinheiro. Entram do fundo, timidamente, dona Rita e Laudelina.*)

CENA V

OS MESMOS, DONA RITA, LAUDELINA.

DONA RITA — É a primeira vez que entro nos fundos de uma venda!

LAUDELINA — Tenha paciência, dindinha, é por amor da arte... (*A Monteiro, que se aproxima, solícito*) Tem a bondade de me dizer se é aqui o escritório da empresa Frazão?

MONTEIRO — Não, minha senhora... isto é o meu estabelecimento, não é escritório de nenhuma empresa.

LAUDELINA — Desculpe.

MONTEIRO — Mas é aqui que o senhor Frazão trata dos seus negócios.

DONA RITA — Ele não está?

MONTEIRO — Está, sim, senhora. Está ali fazendo os adiantamentos aos artistas da companhia que hoje segue para fora. Se quiserem sentar-se e esperar um pouquinho? (*Dá-lhes dois bancos; elas sentam-se agradecendo com gestos e*

sorrisos.) As senhoras querem tomar alguma coisa?

AS DUAS — Muito obrigada.

MONTEIRO (*À parte.*) — É bem boa...

LAUDELINA — Tenha a bondade de me dizer: aquele ator que ali está vestido de preto não é o Vieira?

MONTEIRO — É, sim, senhora.

DONA RITA — Quê!... aquele cômico tão engraçado... que faz rir tanto!

MONTEIRO — Em cena. Fora de cena, tem uma cara de missa de sétimo dia. Está sempre triste. (*Afastando-se à parte.*) Bem boa...

LAUDELINA — Como o teatro engana!

DONA RITA — Menina, eu acho melhor irmos para casa. Uma carreira artística que começa nos fundos de uma venda não pode dar bons resultados.

LAUDELINA — Aí vem a senhora! Estamos comprometidas... Fomos ontem à casa do Frazão... já mandamos as nossas bagagens para a estrada de ferro... e ficamos de vir aqui hoje, à uma hora, para recebermos o adiantamento. Agora não podemos recuar.

DONA RITA — Queira Deus que não te arrependas!

LAUDELINA — Nada me poderá suceder. Minha madrinha está a meu lado para proteger-me.

DONA RITA — Tua madrinha! E quem protege ela? Eu também sou uma fraca mulher...

FRAZÃO (*Erguendo-se.*) — Pronto, meus senhores! Já receberam os adiantamentos e os bilhetes de passagem. Tratem de mandar as suas bagagens para a estação, e às seis horas estejam a postos. O trem parte às seis e meia.
TODOS — Sim... sim... Descanse... não haverá novidade, etc.

FRAZÃO — Até lá!

TODOS — Até lá! (*Dispõem-se todos a sair.*)

FRAZÃO (*Vendo Laudelina.*) — Ah, cá está ela!

TODOS — Quem?

FRAZÃO — A nossa primeira-dama!

TODOS — Ah!

FRAZÃO (*Tomando Laudelina pela mão, apresentando-a aos artistas.*)

CANTO

— Meus senhores, aqui lhes apresento
Uma nova colega de talento,
Que brilhante carreira principia
E faz parte da nossa companhia!

CORO — Receba, pois, o nosso cumprimento
Esta nova colega de talento,
Que brilhante carreira principia
E faz parte da nova companhia.

LAUDELINA — Não sei como agradeça, na verdade
Tanta amabilidade!

COPLAS

I

Sou uma simples curiosa,
Que se quer fazer atriz;
Por não ser pretensiosa,
Eu espero ser feliz.
Tudo ignoro por enquanto
Da bela arte de Talma,
Mas prometo estudar tanto,
Que o povinho enfim dirá:
Elle a quelque...
Quelque chose...
Elle a quelque chose là!

CORO — *Elle a queque, etc.*

II

LAUDELINA — O que me alenta e consola
Na carreira que me atrai,
É sair da mesma escola

De onde tanto artista sai.
Quanta moça analfabeta
Que não sabe o b, a — bá
Fez-se atriz, atriz completa
E do público ouviu já:
Elle a quelque... etc.

CORO — *Elle a quelque... etc.*

FRAZÃO — Bom. Agora deixem-me tratar com estas senhoras.

MARGARIDA (*Saindo com Vilares.*) — A primeira-dama, isto?

ISAURA (*A um outro artista.*) — É tão feia! Tão desajeitada!

COUTINHO — Já tem a sua idade...

LOPES (*A dona Rita.*) — E a senhora também é atriz?

DONA RITA — Não, senhor, sou sua madrinha e acompanho ela.

LOPES — Ah!

VIEIRA (*Saindo, a Frazão.*) — Vou para casa derramar algumas lágrimas no seio da família. Estas ausências matam-me! (*Saem todos os artistas da companhia Frazão.*)

CENA VI

MONTEIRO, CAIXEIRO, FÁBIO, BROCHADO, FRAZÃO, DONA RITA, LAUDELINA.

FRAZÃO — Então? Prontas?...

LAUDELINA — Prontas.

DONA RITA — Deixei a casa entregue a uma comadre minha e despedi o moleque. As bagagens já foram para a estação.

FRAZÃO — Aqui têm os bilhetes de passagem... e o adiantamento... (*Dá-lhes os bilhetes e o dinheiro.*)

LAUDELINA — O primeiro dinheiro ganho com o meu trabalho artístico! (*Beija-o.*)

DONA RITA — E ganho antes de trabalhar!

FRAZÃO — Está satisfeita?

LAUDELINA — Estou. Só levo um aperto no coração.

FRAZÃO — Qual é?

LAUDELINA — É seu Eduardo. Para que hei de mentir? Ele gosta de mim... não sou ingrata...

FRAZÃO — Quem é seu Eduardo?

DONA RITA — É o Luís Fernandes.

FRAZÃO — Ah! o tal que eu chamei arara...

LAUDELINA — Escrevi-lhe despedindo-me dele.

DONA RITA — Coitado! (*A Frazão.*) Bom, então até o trem!

FRAZÃO — Até o trem!

DONA RITA — Olhe que se minha afilhada for infeliz, não lhe perdôo, seu Frazão! Foi o senhor que desencabeçou ela!

FRAZÃO — Há de ser muito feliz!

AS DUAS — Até logo! (*Saem.*)

FRAZÃO — Fiquei reduzido a dezoito mil-réis.

CENA VII

OS MESMOS, menos DONA RITA e LAUDELINA.

MONTEIRO — Você é dos diabos! Onde foi desencantar aquela jóia?..

FRAZÃO — Numa sociedade particular.

MONTEIRO — É séria?

FRAZÃO — É, sim, senhor! Não esteja a arregalar os olhos, que aquilo não se faz para os seus beijos!

MONTEIRO — Nem para os seus.

FRAZÃO — Naturalmente. Serei um pai para ela. Sou um empresário moralizado.

MONTEIRO — Com que, então, custou-lhe muito a arranjar o cobre, hein? Andou pelas Paineiras, pelo Cabuçu!...

FRAZÃO — Não andei senão até à Prainha, mas suei o topete! E se o Madureira não me mandar o conto de réis que me prometeu, estou frito. Você bem me podia acudir...

MONTEIRO — É que...

FRAZÃO — Sim, já sei que dessa mata não sai coelho. Benza-o Deus! *(Reparando em Brochado e Fábio, que adormeceram defronte um do outro.)* Que é aquilo? O Brochado? Não sabia que ele estivesse de volta!

MONTEIRO — Chegou hoje.

FRAZÃO — Já se cansou de impingir monólogos aos paulistas?

MONTEIRO *(Examinando contra a luz a garrafa de para ti)* —

Adormeceram ambos, depois de esvaziar uma garrafa de parati! *(Sacudindo-os.)* Eh! lá, acordem...

FRAZÃO — Bom! Vou tratar da vida! *(Sai pelo fundo.)*

BROCHADO *(Sonhando.)* — Chorava o arco... chorava o madeiro... tudo chorava...

MONTEIRO — Acordem! *(Erguem-se os dois esfregando os olhos.)*

BROCHADO — Meu poeta, o seu *Trouxa* fez-me dormir: não presta!

FÁBIO *(Cambaleando.)* — Perdão: não foi o *Trouxa*, foi o parati.

(Forte da orquestra. Mutação.)

QUADRO III

O corredor da casa de pensão em que mora Frazão. À esquerda, a porta da rua, e, à direita, a cancela com cordão de campainha.

CENA I

EDUARDO, depois um CRIADO.

EDUARDO (*Entrando.*) — É aqui! É aqui a casa de pensão em que mora esse maldito empresário! Recebi uma carta de Laudelina em que me participava que parte hoje no noturno com a companhia Frazão... Ainda me parece um sonho! Já pedi ao patrão licença e um adiantamento de dois a três meses... Hei de acompanhá-la por toda a parte! Não a deixarei sozinha por montes e vales, exposta sabe Deus a que perigos! Mas antes disso, quero entender-me com este homem, que odeio, porque foi ele quem lhe meteu na cabeça essa loucura! Oh! eu!... (*Vai a puxar o cordão da campainha e arrepende-se.*) Tenhamos calma... Que vou dizer a esse empresário?... com que direito aqui venho?... É meu coração, meu pobre coração!

COPLAS

I

Piedade eu te mereço,
Ó minha doce amada!
Esta alma torturada
Está por teu amor!
As mágoas que eu padeço
São grandes, muito grandes,
Porque nem Luís Fernandes
Amava assim Leonor.

II

Oh! não me bastam cartas!
No teu caminho incerto
De ti quero estar perto,
Ó minha linda flor!
Aonde quer que partas,
Por onde quer que tu andes,
O teu Luís Fernandes
Te seguirá, Leonor!...
Coragem! (*Toca a campainha.*) Também eu quero fazer parte da companhia Frazão!...

CRIADO (*Abrindo a cancela.*) — Quem é?

EDUARDO — Mora aqui o ator Frazão?

CRIADO — Sim, senhor.

EDUARDO — Está em casa?

CRIADO — Sim, senhor, e à sua espera! Vou chamá-lo! (*Sai.*)

CENA II

EDUARDO, depois FRAZÃO.

EDUARDO (*Só.*) — À minha espera? Isso é que não! À espera de outro será!

FRAZÃO (*Entrando a correr.*) — Dê cá, meu amigo, dê cá! Estava pelos cabelos! Já passa das cinco! Dê cá!

EDUARDO — Dê cá o quê!

FRAZÃO (*Reparando-o.*) — Desculpe... julguei que o senhor fosse portador do conto de réis do Madureira! Um conto que espero com impaciência! Mas se não me engano é o Luís Fernandes, de Catumbi!

EDUARDO — Sim, senhor! É o Luís Fernando, de Catumbi, que vem perguntar: Frazão, que fizeste da morgadinha?

FRAZÃO — A morgadinha parte esta noite comigo no noturno: está na minha companhia.

EDUARDO (*Furioso.*) — Na sua companhia?

FRAZÃO — Dramática... Na minha companhia dramática... Nada de trocadilhos! Descanse: a morgada vai com ela.

EDUARDO — A morgada não basta: é uma senhora. Eu, que a amo, que a adoro, que desejo que ela, só ela seja mãe dos meus futuros filhos, quero acompanhá-la também, e venho oferecer-me para galã da companhia!

FRAZÃO — Galã? Já tenho o Lopes e estou com a folha muito sobrecarregada.

EDUARDO — Mas eu não quero que o senhor me pague ordenado.

FRAZÃO — Ah! não quer? Por esse preço, convém-me. Pode ir; mas já distribuí todos os bilhetes de passagem.

EDUARDO — Também não quero que me pague a passagem. Peço apenas para fazer parte do elenco.

FRAZÃO — Pois não! E se o senhor me pudesse arranjar, pelo mesmo preço, um pai nobre que me falta...

EDUARDO — Pelo preço contente-se com um galã. E adeus! Vou preparar-me!

FRAZÃO — Adeus! Se encontrar pelo caminho um caixeiro, ou coisa que o valha, com um conto de réis na mão, diga -lhe que venha depressa!

EDUARDO — Bem. (*À parte.*) Vou com ela! (*Sai.*)

CENA III

FRAZÃO, depois o CRIADO.

FRAZÃO (*Consultando o relógio.*) — Cinco e vinte. Se se demora mais dez minutos, já não apanho o trem senão de tílburí! (*Chamando*) Ó Joaquim! Estou num formigueiro! Que maldade a do Madureira! Prometerme um conto de réis, e faltar à última hora! (*Ao Criado, que entra.*) Ó Joaquim, vai ali na praça buscar um tílburí! Depressa!

CRIADO — É já! (*Sai.*)

FRAZÃO (*Só.*) — E levo esta vida há trinta anos! pedindo hoje... pagando amanhã... tornando a pedir... tomando a pagar... sacando sobre o futuro... contando com o incerto... com a hipótese do ganho... com as alternativas da fortuna... sempre de boa-fé, e sempre receoso de que duvidem de mim, porque sou cômico, e ser cômico, vem condenado de longe... Mas por que persisto?... por que não fujo à tentação de andar com o meu mambembe às costas, afrontando o fado?... Perguntem às mariposas por que se queimam na luz... perguntem aos cães por que não fogem quando avistam ao longe a carrocinha da prefeitura, mas não perguntem a um empresário de teatro por que não é outra coisa senão empresário de teatro... Isto é uma fatalidade a que nos condena o nosso próprio temperamento. O jogador [é] infeliz porque joga? O fraco bebedor, por que bebe?... Também isto é um vício, e um vício terrível porque ninguém como tal o considera, e, portanto, é confessável, não é uma

vergonha, é uma profissão... uma profissão... uma profissão que absorve toda a atividade... toda a energia... todas as forças, e para quê?... Qual o resultado de todo este afã? Chegar desamparado e paupérrimo a uma velhice cansada! Aí está o que é ser empresário no Brasil! Mas este conto de réis que não chega!

CRIADO (*Entrando.*) — O tálburi! Aí está!

FRAZÃO — Falta apenas um quarto de hora para a partida do trem. Vou pôr o chapéu e tomar o tálburi! Entrego-me à sorte, ao deus-dará! (*Sai pela direita.*)

CENA IV

O CRIADO, um VELHOTE.

CRIADO (*Só.*) — Coitado do senhor Frazão! Parece que lhe roeram a corda! (*Vai saindo.*)

VELHOTE (*Entrando muito devagar e falando muito descansado.*) — Psiu! Ó amigo!

CRIADO — Que é?

VELHOTE — Mora aqui um cômico por nome Frazão?

CRIADO — Mora, sim, senhor. É o senhor que lhe vem trazer um dinheiro?

VELHOTE — Que tem você com isso?

CRIADO — Ele está impaciente à sua espera! São quase horas do trem!

VELHOTE — Ah! Tem pressa! Pois eu não tenho nenhuma.

CRIADO — Vou chamá-lo. (*Sai.*)

CENA V

O VELHOTE, depois FRAZÃO.

VELHOTE (*Só.*) — O senhor Madureira faz mal. Empréstimo um conto de réis a um cômico! Isto é gentinha a quem não se deve fiar nem um alfinete! Como sou amigo do senhor Madureira, que é um excelente patrão, demorei-me quanto pude no caminho, a ver se o tal Frazão partia sem o dinheiro! Este há de o

senhor Madureira ver por um óculo!

FRAZÃO (*Entrando de mala na mão e guarda-pó debaixo do braço.*) — Então, o dinheiro?

VELHOTE — Cá está! (*Tira um maço de notas.*) Venha primeiro o recibo!

FRAZÃO — Que recibo, que nada! Mandá-lo-ei pelo correio. (*Toma o dinheiro e sai correndo.*)

VELHOTE — Venha cá! Venha cá! Quero o recibo! (*Sai correndo. Mutsção. Música na orquestra até o final do ato.*)

QUADRO IV

Na plataforma da Estação Central da Estrada de Ferro.

CENA I

A COMPANHIA FRAZÃO, amigos, o CHEFE DO TREM, depois FRAZÃO.

(Ao erguer do pano, o trem que tem de levar a companhia está prestes a sair. Alguns artistas espiam pelas portinholas, inquietos por não verem chegar Frazão.)

ARTISTAS — O Frazão? O Frazão?

VOZES — Não arranjou o dinheiro!

OUTROS — Que será de nós?

CHEFE DO TREM (*Apitando.*) Quem tem que embarcar embarca! (*Embarca. O trem põe -se em movimento. Entra Frazão a correr.*)

ARTISTAS — É ele! Pára! Pára!

FRAZÃO — Pára! (*Atira a mala para dentro do trem, pendura-se no [tênder] do último carro dormitório. O trem desaparece, levando Frazão pendurado, enquanto as pessoas que se acham na plataforma riem e aplaudem.*)

ATO SEGUNDO

QUADRO V

Praça numa cidade do interior. À esquerda, grande árvore e à direita, um sobrado de duas janelas, onde mora o coronel Pantaleão.

CENA I

DONA RITA, LAUDELINA, EDUARDO, VILARES, MARGARIDA, FLORÊNCIO, COUTINHO, VIEIRA, artistas, pessoas do povo (Ao levantar o pano, os artistas e as pessoas do povo formam dois grupos distintos; aqueles à esquerda, debaixo da árvore, e estes à direita, fundos. As bagagens da Companhia Frazão, caixões, malas, sacos de viagem, pacotes etc., estão debaixo da árvore. Os artistas estão uns sentados nas malas, outros de pé e ainda outros deitados, parecendo todos fatigados por uma viagem penosa. Dona Rita dorme a sono solto, sentada numa das malas, e Vieira também sentado e um pouco afastado dos companheiros, lê uma carta, sempre com o seu ar fúnebre. As pessoas do povo examinam os artistas de longe, curiosamente, mas como receosos de se aproximarem deles.)

CORO DAS PESSOAS DO POVO

Aquela gente, de surpresa
Aqui na terra amanheceu!
E ninguém sabe com certeza
Como foi que ela apareceu!

CORO — São ciganos!

OUTROS — São artistas!

UNS — São ciganos!

OUTROS — Não insistas!

UNS — São ciganos!

OUTROS — Não há tal!
Com certeza é pessoal
Teatral!

CORO — Com certeza é pessoal
Teatral!

OS ARTISTAS (*Entre si.*)

— Aquela gente não se aproxima...
Falar deseja, mas não se anima.
Está decerto desconfiada
De que nós somos ladrões de estrada,
E de que temos, talvez, vontade
De saquear-lhes toda a cidade!

JUNÇÃO DOS DOIS COROSA Aquela gente, de surpresa etc.
Aquela gente não se aproxima... etc.

LAUDELINA — Como estão desconfiados!

EDUARDO — Que olhares nos lançam!

FLORÊNCIO — Demo-nos a conhecer.

VILARES — Sim, porque do contrário são capazes de nos correr a pedrada!

MARGARIDA (*A Eduardo.*) — Tu, que és o nosso orador oficial, vai ter com eles.

EDUARDO — Dizes bem. Vou dirigir-lhes a palavra!

(Encaminhando-se para as pessoas do povo.) Meus senhores... *(Vendo Eduardo aproximar-se, as pessoas do povo soltam um grito estridente, e fogem por todos os lados. Só ficam em cena os artistas que, à exceção de Vieira, riem às gargalhadas.)* Bonito! Fugiram todos!

VILARES — Estamos arranjadinhos... Aqui o público foge dos artistas!

COUTINHO — Eu bem disse que não viéssemos cá... que era uma asneira!

MARGARIDA — Mas que lembrança do Frazão! Vir a uma cidade que ele não conhecia e onde não conhecia ninguém!

FLORÊNCIO — Sem trazer sequer uma carta de recomendação!

EDUARDO — Nem dinheiro!

LAUDELINA (*A Eduardo.*) — Olhe, dindinha adormeceu...

EDUARDO — Pudera! Com esta viagem de três dias!

LAUDELINA — Se ainda fosse em trem de ferro, mas em carros de boi!

VILARES — E em burros!

FLORÊNCIO (*Olhando para dona Rita.*) — Pudesse eu fazer o mesmo! Se apanho uma cama, há de me parecer um sonho! (*Vieira soluça forte.*)

TODOS (*Voltando-se.*) — Que é isto?

VILARES — É o Vieira, que chora! Recebeu há cinco dias aquela carta da família, e tantas vezes a tem lido que já deve sabê-la de cor e salteada!

FLORÊNCIO — Assim decorasse ele os seus papéis!

VIEIRA (*Como para si.*) — Meus pobres filhos!

MARGARIDA — Estão doentes? (*Aproxima-se dele*)

VIEIRA — Não; mas estão longe, muito longe!

EDUARDO — Vê, dona Laudelina, em que deu a sua loucura? Que triste desilusão! Durante o primeiro mês a coisa não foi mal, mas daí por diante tem sido o diabo. Estavam-nos reservadas todas as contrariedades.

VILARES — Todas? Falas assim porque és marinheiro de primeira viagem. Pelo menos o nosso empresário até hoje nos tem pago em dia...

FLORÊNCIO — Pois sim, mas durante as viagens suspende os ordenados!

COUTINHO — E como levamos todo o tempo a viajar...

VIEIRA (*Fúnebre.*) — É com dificuldade que se manda algum socorro à família.

MARGARIDA — Outro que não fosse o Frazão já nos teria abandonado. Isso é que é verdade!

VILARES — O caso é que temos vivido... e que ele pouco deve. O seu primeiro cuidado foi mandar pagar no Rio os três contos que pediu emprestados.

COUTINHO — Fez mal em pagar tão depressa: ficou sem fundo de reserva.

FLORÊNCIO — Qual ficou, qual nada! Pois vocês acreditam que o Frazão não tenha dinheiro?

TODOS (*Protestando.*) — Não! Isso não! Oh!...

FLORÊNCIO — Ora! Querem vocês conhecê-lo melhor do que eu! Aquele sabe viver!

MARGARIDA — És muito má língua! O que vale é que ninguém faz caso do que tu dizes.

FLORÊNCIO — Bem fez o Lopes: quando viu que a coisa desandava, rodou, e por aqui é o caminho.

LAUDELINA — Perdão, senhor Florêncio, não foi por isso que o senhor Lopes se retirou.

EDUARDO — Foi porque ficou enciumado comigo, e disse que a companhia não precisava de dois galãs dramáticos.

VILARES — Pudera! Se dona Laudelina não queria representar senão contigo!

LAUDELINA — Porque o senhor Lopes não era sério... fazia muito ao vivo os seus papéis...

COUTINHO — É um artista consciencioso.

DONA RITA (*Que abriu os olhos.*) — Pois sim, mas não precisava beijar ela quando a peça não mandava! (*Risos.*)

MARGARIDA — Ah, isso é costume antigo do Lopes. Foi assim que começaram os nossos amores... e foi por isso que o deixei, porque, depois de estar comigo, entendeu que devia continuar a fazer o mesmo com as outras... Todas as vezes que entrava para a companhia uma atriz nova e bonita, ele abusava dos beijos!

LAUDELINA — E dos abraços! E dos apertos de mão!

DONA RITA (*Erguendo-se.*) — Eu cá é que nunca imaginei representar senão em sociedades particulares, onde os beijos são suprimidos. O artigo 17 dos estatutos do Grêmio Dramático Familiar de Catumbi diz o seguinte: “É proibido aos amadores beijar as amadoras em cena, a menos que para isso estejam autorizados por quem de direito.”

EDUARDO — Mas o Frazão teve a habilidade de convencê-la de que a senhora devia substituir a Engrácia!

FLORÊNCIO — Substituir é um modo de dizer, meu caro amigo... uma amadora

não substitui uma artista...

DONA RITA — Ora quem sabe! Talvez o senhor se julgue insubst... insubst...

TODOS — Insubstituível.

DONA RITA — Quem sabe? Pois agradeçam à Providência haver à mão uma amadora, porque, se assim não fosse, muitas peças ficavam desmontadas!

VILARES — Tem razão, dona Rita: com peças desmontadas não se faz fogo!
(*Risadas.*)

FLORÊNCIO — Mas o Frazão, o Frazão, que não volta!

COUTINHO — Há uma hora que foi procurar um hotel... e deixou-nos acampados aqui, como um bando de ciganos.

FLORÊNCIO — Sabe Deus se não passou as palhetas!

TODOS (*Protestando.*) — Oh!

FLORÊNCIO — Vocês não o conhecem, como eu!

MARGARIDA — Cala a boca, má língua! Ali vem ele!

TODOS — Ah! (*Erguem-se todos os artistas que estavam sentados ou deitados. Frazão entra do fundo, à direita, com as mãos nas algibeiras, o chapéu deitado para trás e fisionomia contrariada.*)

CENA II

OS MESMOS, FRAZÃO.

ARTISTAS — Então? Arranjou um hotel? (*Frazão passeia de um lado para outro, sem responder.*) Então? Fale! Responda! (*Mesmo jogo de cena.*) Vamos! diga alguma coisa!

FRAZÃO (*Parando.*) — Sebo!

OS ARTISTAS — Hein?

FRAZÃO — Sebo! Três vezes sebo! (*Pausa. Ansiedade geral.*) Há, nesta próspera e florescente cidade de Tocos, um hotel... um único... o Hotel dos Viajantes...

LAUDELINA — Então estamos bem.

FRAZÃO — Bem mal. O dono do hotel diz que não tem lugar nem comida para tanta gente.

DONA RITA — Mas ao menos eu e minha afilhada, que somos as principais figuras da companhia...

VILARES — Protesto!

MARGARIDA — Olhem a velha!

(*Ao mesmo tempo.*) FLORÊNCIO — Aqui não há primeiras figuras!

COUTINHO — Toleirona!

OUTROS ARTISTAS—Isso é que não! Alto lá!...

FRAZÃO — Desculpem-na. Dona Rita não tem ainda bastante prática do ofício... não sabe guardar as conveniências.

VIEIRA (*Num tom fúnebre.*) — A primeira figura da companhia, modéstia à parte, e sem ofender os colegas, sou eu.

FRAZÃO — Tem razão, Vieira. Pelo menos, depois de mim, és o que mais agrada.

VIEIRA (*No mesmo tom.*) — Quando estou em cena, o público torce-se de riso...

DONA RITA — Por isso, aquele crítico de Uberaba disse que o senhor tinha muita noz-vômica.

FRAZÃO — Que noz-vômica! *Vis comicas! (Risadas.)*

VILARES — Mas vamos ao que serve... o hotel? Quantos cabemos lá?

FRAZÃO — Nenhum, porque o homem diz que não fia.

EDUARDO — Por quê?

FRAZÃO — A última companhia que aqui esteve pregou-lhe um calo de quatrocentos e oitenta e sete mil, e duzentos réis.

LAUDELINA — Como o senhor decorou a quantia!

FRAZÃO — Pelo hábito de decorar os papéis. Fiz-lhe ver que havia muita diferença entre um empresário da minha categoria e o Chico dos Tiros, que aqui esteve; mas todo o meu talento, toda a minha eloquência, todos os meus esforços foram vãos!

TODOS — Oh!

VILARES — Insiste-se.

FRAZÃO — Não há que insistir. O dono do Hotel dos Viajantes é um antigo colega nosso.

TODOS — Sim? Um ator?

FRAZÃO — Um ator muito ordinário. Veio há muitos anos para esta cidade com um mambembe que aqui se dissolveu. Diz ele que conhece a classe. Respondi-lhe com uma descompostura daquelas... vocês sabem!... e contive-me para não lhe quebrar a focinheira!

FLORÊNCIO — Que grande patife! Não saíamos daqui sem lhe dar uma lição!

TODOS — Apoiado!

FRAZÃO (*Levando o dedo polegar à testa.*) — Tenho uma idéia!

TODOS — Uma idéia! Qual?

FRAZÃO — Onde dormimos nós esse três dias que levamos do Tinguá até aqui?

LAUDELINA — Nos carros que nos trouxeram.

FRAZÃO — Pois bem, hospedemo-nos neles, até acharmos casa.

EDUARDO — Pois o senhor não viu que mal nos apeamos dos burros e as senhoras desceram dos carros, tudo voltou para o Tinguá?

VILARES — Só ficou o carreiro para receber nestes três dias os duzentos mil-réis da condução.

FRAZÃO—É isso, é (*Com um repente, elevando a voz e erguendo as mãos para o céu.*) Manes de Téspis e de Molière! Alma do defunto Cabral, o maior mambembeiro de que há notícia nos fastos da arte nacional, inspirei-me nesta

situação tremenda!... (A *Vilares*, indicando-lhe uma rua.) Ó *Vilares*, vai tu com a *Margarida* por esta rua fora, e façam o possível por descobrir alguma coisa.

VILARES — Está dito! (A *Margarida*.) Nem que seja só para nós.

FRAZÃO — O ponto de reunião é nesta praça, daqui a uma hora.

MARGARIDA — Vamos cavar. (Sai com *Vilares*.)

FRAZÃO — *Florêncio*, vai com a *Marcelina* por esta outra rua.

FLORÊNCIO — Por que com a *Marcelina*?

FRAZÃO — Para parecer gente casada... Oh, eu sei o que são estes lugares!...

FLORÊNCIO — Vamos lá! (Sai com uma das coristas.)

FRAZÃO — *Coutinho*, embica por acolá, e leva contigo a *Josefina*.

COUTINHO — Anda daí! Olha que vais passar por minha mulher! Vê lá como te portas! (Saem.)

FRAZÃO — Tu, *Vieira*...

VIEIRA — Deixa-me. Vou informar-me onde é o cemitério e passar lá uma hora... apraz-me o silêncio dos túmulos. (Sai.)

FRAZÃO (Contemplando-o enquanto ele vai saindo.) — Quem será capaz de dizer que ali vai o rei da gargalhada? (Distribuindo outros atores e atrizes.) Vocês por aqui, vocês por ali... (A um ator velho.) Tu, meu velho, ficas tomando conta da bagagem. (Têm saído todos menos *Frazão*, *dona Rita*, *Laudelina*, *Eduardo* e o ator velho.) Eu e *dona Rita* vamos por este lado. O *Eduardo* e a *Laudelina* por aquele...

DONA RITA — Não. O melhor é seu *Eduardo* ir com o senhor, e eu com *Laudelina*.

LAUDELINA — Ó *dindinha*! É para parecermos todos casados!

DONA RITA — Nesse caso, vai com seu *Frazão* e eu vou com seu *Eduardo*.

FRAZÃO — Como eu disse está bem! Que receia a senhora? Pois se não temos casa, quanto mais quartos!

DONA RITA — Enfim... (*Sai com Frazão.*)

EDUARDO (*Á parte.*) — Passar por marido dela! Que ironia da sorte! (*Sai com Laudelina.*)

CENA III

IRINEU, o VELHO ATOR, sentado numa das malas, depois PANTALEÃO.

IRINEU (*Entrando da direita alta, estacando diante das bagagens.*) — Que é isto? Ah! Já sei... é a bagagem da companhia dramática chegada hoje do Tinguá! (*Ao Velho Ator.*) Não é? (*Sinal afirmativo do Velho Ator.*) Eu vinha justamente dar esta grande novidade ao coronel Pantaleão. (*Indo bater à porta de Pantaleão.*) Coronel! Coronel! Na sua qualidade de dramaturgo, ele vai ficar contentíssimo com a notícia!

PANTALEÃO (*Aparecendo à janela do sobrado em mangas de camisa.*) — Quem é? Ah! É você, capitão?

IRINEU — Em primeiro lugar, cumprimento a Vossa Senhoria por ser hoje o dia do seu aniversário natalício, e colher mais uma flor no jardim da sua preciosa existência.

PANTALEÃO — Muito obrigado!

IRINEU — Em segundo lugar, dou-lhe uma notícia, uma grande notícia que interessa a Vossa Senhoria, não só como ilustre presidente da Câmara Municipal de Tocos, mas também, e principalmente, como dramaturgo!

PANTALEÃO — Ah, sim? Qual é?...

IRINEU — Chegou esta manhã, há uma hora, uma companhia dramática!

PANTALEÃO — Uma companhia dramática! Que está dizendo?

IRINEU — Para a prova aqui estão as bagagens. (*Lendo o letreiro de uma caixa.*) “Companhia Frazão.”

PANTALEÃO — Frazão? Será o célebre, o popularíssimo Frazão?

IRINEU — Deve ser. Não creio que haja dois Frazões.

PANTALEÃO — Vou vestir o rodaque e desço já! (*Saindo da janela.*) Ó dona

Bertolesa!

IRINEU — Ficou entusiasmado! Já não quer saber de outra coisa! O teatro é a sua cachaça! Quem não deve gostar é dona Bertolesa, que tem muitos ciúmes das cômicas.

PANTALEÃO (*Saindo de casa a vestir o rodague.*) — Ora muito me diz! Uma companhia dramática! (*Vai examinar as bagagens e cumprimenta o Velho Ator.*) O senhor é o célebre Frazão?

VELHO ATOR — Ai, não, senhor, quem me dera!

PANTALEÃO — Mas é artista?

VELHO ATOR — Sim, senhor, do pano do fundo... só faço pontas.

PANTALEÃO (*A Irineu.*) — Diz que só faz pontas. Esta linguagem teatral é incompreensível!

IRINEU — Já sei que Vossa Senhoria vai de novo fazer representar o seu drama?

PANTALEÃO — Não me fale! Um drama que me obrigou a estudos de história, de geografia, da mitologia e da Bíblia, para afinal não ser compreendido por estes idiotas!...

IRINEU — Ele foi pateado porque o Chico dos Tiros não o pôs em cena como devia pôr.

PANTALEÃO — Como não, se gastei perto de cinco contos de réis? Foi o major Eufrásio que promoveu a pateada, por fazer oposição à municipalidade! Mandou para o teatro toda a sua gente!...

IRINEU — E a coisa acabou num formidável turumbamba! O subdelegado suspendeu o espetáculo!

PANTALEÃO — E a representação não acabou! Ah, mas o meu drama há de ir à cena, quer queiram, quer não queiram! Você já viu o Frazão?

IRINEU — Já... isto é, creio que foi ele que eu vi, no Hotel dos Viajantes, passando uma descompostura ao tenente Gaudêncio, porque este não quis hospedar a companhia.

PANTALEÃO — Gaudêncio está escabreado.

CENA IV

OS MESMOS, EDUARDO e LAUDELINA.

EDUARDO — E esta! Demos uma volta e, sem querer, viemos ter à mesma praça de onde saíramos!

LAUDELINA — Estão ali dois sujeitos... pergunte-lhes...

EDUARDO (*Dirigindo-se a Pantaleão e cumprimentando-o com muita cortesia.*)
— Bom-dia. O cavalheiro dá-me uma informação?

PANTALEÃO — Pois não! Se puder... (*Acotovela Irineu, mostrando-lhe Laudelina com os olhos, que arregala.*)

EDUARDO — Indica-me com quem se poderá, nesta cidade, contratar casa e comida para o pessoal da grande Companhia Dramática Frazão, do Teatro São Pedro de Alcântara, da Capital Federal, que vem dar qui uma pequena série de representações?

PANTALEÃO — Ah! Os senhores são artistas?

EDUARDO — Eu sou o galã e esta senhora é a primeira-dama da companhia.

PANTALEÃO — Minha senhora... (*À parte.*) É um pancadão!

LAUDELINA — Meus senhores...

IRINEU — Excelentíssima!... (*À parte.*) Que tetéia!...

EDUARDO — A companhia é dirigida pelo afamado e ilustre ator Frazão e traz um escolhido repertório de dramas e comédias.

PANTALEÃO — De dramas?... Representam dramas?... Dramas compridos, que levam muito tempo?

LAUDELINA — Compridos e curtos!

EDUARDO — De todos os tamanhos!

PANTALEÃO (*Subindo.*) — Esta é a bagagem?

EDUARDO — Sim, senhor.

PANTALEÃO — Não deve ficar na rua. Vou mandá-la para o teatro. (*A Irineu.*) Capitão Irineu, você fica encarregado disso. A chave do teatro está ali em casa. Peça-a a dona Bertolesa.

IRINEU — Às ordens de Vossa Senhoria. (*Entra em casa de Pantaleão.*)

EDUARDO (*Alegre.*) — Ah! O cavalheiro é o dono do teatro?

PANTALEÃO — Quase.

LAUDELINA — Como quase?

PANTALEÃO — O teatro é da municipalidade... e como eu sou presidente da Câmara Municipal...

EDUARDO e LAUDELINA — Ah!

PANTALEÃO — É como se fosse dono do teatro.

EDUARDO e LAUDELINA — É.

IRINEU (*Saindo da casa de Pantaleão.*) — Aqui está a chave do Templo das Musas. Vou abri-lo! (*A Eduardo.*) Quer vê-lo?

EDUARDO — Pois não! (*Baixo a Laudelina.*) Trate de agradar-lhe. (*Sai com Irineu. Ao sair, recomenda ao Velho Ator, por um gesto, que tenha olho em Laudelina. O Velho Ator, por outro gesto, diz-lhe que vá descansado.*)

CENA V

PANTALEÃO, LAUDELINA, o VELHO ATOR.

LAUDELINA (*À parte.*) — Agradar-lhe como?...

PANTALEÃO — Com que, então, a senhora é a primeira-dama?

LAUDELINA — Sim, senhor.

PANTALEÃO — A sua graça é?...

LAUDELINA — Laudelina Pires, uma sua criada.

PANTALEÃO — Pois eu sou Pantaleão Praxedes Gomes, coronel comandante superior da Guarda Nacional, negociante, venerável da Maçonaria, presidente da Câmara Municipal e autor do drama em doze atos e vinte e um quadros *A passagem do Mar Amarelo*.

LAUDELINA — Ah! É dramaturgo?

PANTALEÃO (*Modestamente.*) — Sim... dramaturgo.

LAUDELINA (*À parte.*) — Ai, o Frazão aqui! (*Alto.*) Por que não aproveita a nossa vinda e não pede ao empresário que leve a sua peça? PANTALEÃO — Se ele quiser... O drama está montado... os cenários e vestuários estão no teatro. O papel da primeira-dama é um papelão!

LAUDELINA — Deveras?

PANTALEÃO — Ouça esta fala: “Faraó é rigoroso nas suas crenças e inimigo de Moisés, a quem hostilizou em todos os terrenos, tanto que, regressando da guerra, por um decreto real, proibiu aos habitantes de Mênfis dar casa e comida a esse povo...”

LAUDELINA — Casa e comida? Mas olhe que não somos hebreus!

PANTALEÃO — Não me refiro à companhia. (*Outro tom.*)... “a esse povo, e ainda sinto horror ao recordar-me da crueldade dos soldados e esbirros torturando essas vítimas inocentes!”

LAUDELINA — Mas deixe-me dizer... O Mar Amarelo fica entre a China e o Japão, e o senhor fala em Moisés e Faraó. Creio que se enganou de cor: deve ser o Mar Vermelho.

PANTALEÃO — Vejo que a senhora sabe geografia. Ainda bem! Eu lhe explico: o assunto do drama é, realmente, a ida do povo de Moisés à terra da Promissão, mas se eu o fizesse sair ali da Palestina para levá-lo ao Egito, passando pelo Mar Vermelho, seria uma coisa à toa! Quis dar mais peripécias ao drama. Fiz com que o povo desse uma volta maior. Levei-o pela Sibéria, para haver uma cena nos gelos... De lá ele desce à Mandchúria, da Mandchúria à Coréia, da Coréia ao Japão, do Japão atravessam o Mar Amarelo. Fim do sexto ato. No dia seguinte...

LAUDELINA — Como no dia seguinte?

PANTALEÃO — O meu drama leva dois dias a representar-se. Então a senhora queria que eu fizesse toda essa viagem numa noite só? No dia seguinte, o povo de Moisés vem pela China, Indostão, Afeganistão, Beluquistão, Arábia, e então

é que passa o Mar Vermelho! Fim do ato décimo-segundo!

LAUDELINA — Deve ser bonito!

DUETINO

PANTALEÃO — Creia, senhora, que o meu drama
Não é de todo mau; talvez
Que ao dramaturgo desse fama,
Se fosse acaso ele francês;
Porém metido aqui na roça,
Sem um estímulo qualquer,
Autor não há que alçar-se possa,
Tenha o talento que tiver!

LAUDELINA — Coronel, por que razão
Não aprende o francês e não vai para a França?

PANTALEÃO — Senhora, eu já não sou criança.
Não posso ter essa ambição,
De mais a mais eu sou casado e pai de filhos,
E tenho muitos outros empecilhos.

LAUDELINA — Sim, já me disse Vossa Senhoria
Que é venerável da Maçonaria...

PANTALEÃO — E coronel da Guarda Nacional...

LAUDELINA — E presidente...

PANTALEÃO — Perfeitamente...

AMBOS — Da Câmara Municipal. (*Repetem três ou quatro vezes.*)

LAUDELINA — Tarda-me ver no programa
Da Companhia Frazão
Anunciando o seu drama
Que espero ser um dramão.

PANTALEÃO — Um dramão?

LAUDELINA — Não quis dizer um dramalhão.
Hei de vê-lo fazendo furor,
E o povinho gritando — que belo! (*Bis, pelos dois.*)

Bravos! Bravos! À cena o autor
Da *Passagem do Mar Amarelo!*

PANTALEÃO — Agradece-lhe tanta simpatia
O venerável da Maçonaria...

LAUDELINA — E coronel da Guarda Nacional!...

PANTALEÃO — E presidente...

LAUDELINA — Perfeitamente...

AMBOS — Da Câmara Municipal! (*Repetem quatro vezes.*)
Municipal!

LAUDELINA — Fale hoje mesmo ao Frazão, que não tarda aí.

PANTALEÃO — Logo mais, agora não tenho tempo: estou pondo em ordem uns papéis da Câmara. Demais, faço hoje anos, e é provável que os amigos repitam, o que têm feito nos anos anteriores... um manifestação espontânea... Preciso mandar avisar alguns.

LAUDELINA — Avisá-los para quê? Se é espontânea...

PANTALEÃO — Sim, mas talvez não se lembrem. Aqui não é como no Rio de Janeiro, onde há jornais para anunciar quem faz anos. O boticário é o promotor da manifestação. Pelo menos o tem sido nos outros anos.

LAUDELINA — O boticário?

PANTALEÃO — Sim, o capitão Irineu... aquele que ainda há pouco saiu daqui com seu marido.

LAUDELINA — Meu marido, não.

PANTALEÃO — Ah! Não são casados?

LAUDELINA — Nem casados nem outra coisa.

PANTALEÃO — Desculpe... mas como a vi ao lado dele...

LAUDELINA — Não quer dizer nada.

PANTALEÃO — Seu marido é outro?

LAUDELINA — Não, senhor. Eu sou solteira.

PANTALEÃO (*Contente.*) — Ah! é solteira?

LAUDELINA (*À parte.*) — Já tardava!

PANTALEÃO — Bom... até logo... Vou ver os papéis da Câmara!

LAUDELINA — Até logo, senhor coronel.

PANTALEÃO (*À parte.*) — Solteira! (*Entra em casa.*)

LAUDELINA — E dizer que em toda a parte tem sido a mesma coisa: não há pedaço de asno que não me faça perguntinhas impertinentes... Não! Noutro mambembe não me apanham nem que me dourem!... Mas é preciso avisar o Frazão da existência providencial deste dramaturgo de Tocos.

CENA VI

LAUDELINA, o VELHO ATOR, EDUARDO, IRINEU e carregadores.

EDUARDO (*A Laudelina, coçando as pernas.*) — O teatro não presta para nada, mas em compensação tem muitas pulgas.

IRINEU (*Que também se coça, aos carregadores.*) — Levem tudo isto para o teatro! (*Os carregadores obedecem, ajudados por Eduardo e pelo Velho Ator.*)

LAUDELINA (*A Irineu.*) — Capitão, dá-me uma palavra?

IRINEU — Ó minha senhora!... Duas, três, quantas queira! (*Á parte, coçando-se.*) É uma tetéia!

LAUDELINA — É verdade que o senhor vai promover uma manifestação ao coronel presidente da Câmara?

IRINEU — Quem lhe disse?

LAUDELINA — Ele mesmo.

IRINEU — Ah! Está com a boca doce? Mas nessa não caio eu! Há já três anos que faço tal engrossamento e ainda não sou vereador. Só a música me tem custado setenta e cinco mil-réis.

LAUDELINA — Por ano?

IRINEU — Ah, não! Vinte e cinco mil-réis de cada vez. Fora os foguetes!

LAUDELINA — Não é caro.

IRINEU — Ainda mesmo que este ano eu quisesse fazer a manifestação, não podia, porque, segundo ouvi dizer, o major Eufrásio tratou a banda de música por quarenta mil -réis, só para meter ferro ao coronel Pantaleão.

LAUDELINA — Major... coronel... aqui todos os senhores têm postos...

IRINEU— Todos! Até eu sou capitão!

LAUDELINA — Bem sei.

COPLAS

I

IRINEU — Aqui, não sendo a gente
Ou padre ou bacharel,
Apanha uma patente
E chega a coronel.
Não há maior desgosto,
Nem mais profundo mal
Do que não ter um posto
Na Guarda Nacional!

II

Alferes e tenente,
Já fui; sou capitão,
E espero brevemente
Major ser, pois então!
E peço a Deus, na Igreja,
Pois sou devoto fiel,
Viver até que seja
Tenente-coronel!

(Terminada esta cena todas as bagagens devem ter desaparecido. Irineu, Eduardo e o Velho Ator acompanharam as últimas.)

CENA VII

LAUDELINA, FRAZÃO, DONA RITA, VILARES, MARGARIDA, FLORÊNCIO, COUTINHO, artistas, depois EDUARDO, depois VIEIRA, depois IRINEU.

FRAZÃO — Sem nos combinarmos, fomos todos ter no largo da Matriz e aqui estamos juntos. Só falta o Vieira, que se meteu no cemitério.

VILARES — Foi ver se os defuntos lhe davam de almoçar!

DONA RITA — Estamos perdidos, seu Frazão! Vamos todos morrer de fome!...

FLORÊNCIO — Fogem de nós como se fôssemos a peste!

FRAZÃO — Não desanimem!... Já lhes disse que do Tinguá telegrafei ao Madureira, pedindo-lhe que me tornasse a emprestar o conto de réis que paguei. A todo o momento pode chegar a resposta.

EDUARDO (*Entrando.*) — As bagagens estão no teatro.

FRAZÃO—As bagagens? (*Reparando.*) É verdade!

ARTISTAS (*Idem.*) — É verdade!

FRAZÃO — Como foi isso?!...

LAUDELINA — Alegrem-se! Travei conhecimento com o coronel Pantaleão não sei de quê, venerável da Maçonaria e presidente da Câmara Municipal de Tocos!...

EDUARDO — Foi ele quem mandou as bagagens para o teatro.

LAUDELINA — Esse ilustre cidadão, que mora ali, dar-nos-á casa e comida...

TODOS — Deveras?... (*Entra Vieira, sempre muito triste.*)

LAUDELINA — Mas para is so serão necessárias duas coisas...

TODOS — Quais?

LAUDELINA — Primeira, que o senhor se comprometa a representar um drama que ele escreveu, de grande espetáculo, em doze atos vinte e um quadros!

FRAZÃO — Doze atos? Olha que são muitos atos!

LAUDELINA — A peça está montada... os cenários e as vestimentas estão no teatro...

EDUARDO (*Coçando-se.*) — Por sinal que devem ter muitas pulgas.

FRAZÃO — E qual é a segunda coisa?

LAUDELINA — Fazer ao mesmo coronel, venerável e dramaturgo, uma manifestação obrigada a banda de música e foguetes, pois que é hoje o dia dos seus anos!

FRAZÃO — Sim... mas onde vamos buscar dinheiro para os foguetes e a música? Nós estamos a nenhum!

EDUARDO — Vou dizer-lhes uma coisa pasmosa! Preparem-se para pasmar!

TODOS — Que é?

EDUARDO — Ainda me restam vinte e sete mil e quinhentos réis dos ordenados que me adiantaram no Rio de Janeiro!

TODOS — Oh! ... Vinte e sete mil e quinhentos réis! ... Oh!...

FRAZÃO (*Passando o braço em volta do pescoço de Eduardo.*) — Meus senhores, mirem-se neste exemplo! Dos meus artistas é ele o único que não ganha, e foi o único que economizou!

EDUARDO — Quanto custará essa música?

LAUDELINA — Vinte e cinco mil-réis, disse-me o capitãoboticário. (*A Eduardo.*) Ainda ficam dois mil e quinhentos réis.

FRAZÃO — Para os foguetes.

EDUARDO — Vocês limpam-me!

FRAZÃO — Dê cá o cobre. Eu me encarrego de tudo!

EDUARDO (*Dando-lhe o dinheiro.*) — Mas o senhor não sabe onde se trata a música!

FRAZÃO — Quem tem boca vai a Roma! (*Entra Irineu.*)

LAUDELINA — Cá está quem sabe. (*A Irineu.*) Capitão, onde se contrata a música?

IRINEU — É perto. Quem é que vai?

FRAZÃO — Eu.

IRINEU (*Tomando-o pelo braço e levando-o ao bastidor.*) — Não tem que saber. O senhor vai por esta rua... vai indo... vai indo... quebra a segunda esquina... e pergunta onde mora o mestre Carrapatini... um sapateiro italiano... é logo ali.

FRAZÃO — Sapateiro?

IRINEU — Sim, sapateiro e mestre da banda. Creio até que eles estão ensaiando. Os músicos estão reunidos.

FRAZÃO — Não é preciso mais nada. (*Sai a correr.*)

CENA VIII

OS MESMOS, menos FRAZÃO.

EDUARDO (*A Irineu.*) — O senhor é amigo do homem?

IRINEU — Que homem? O Carrapatini?

EDUARDO — Não; o coronel.

IRINEU — Amicíssimo.

EDUARDO — Nesse caso, tenha a bondade de convidar outros amigos para aderirem à manifestação que nós queremos fazer ao eminente dramaturgo de Tocos... Como é mesmo que ele se chama?

IRINEU — Coronel Pantaleão Praxedes Gomes.

EDUARDO — ... Praxedes Gomes!

IRINEU — Não é preciso. Basta mandar tocar a música, soltar foguetes e dar umas voltas pela cidade gritando “Viva o coronel Pantaleão”, para que o povo acuda.

VILARES — É então muito popular esse homem?

IRINEU — Não... quase toda a gente embirra com Sua Senhoria... mas como se sabe que em casa dele há comida e bebida em penca... *(Os artistas descem e aproximam-se.)*

DONA RITA — Comida!

VILARES — Bebida!

MARGARIDA — Em penca!

TODOS — Em penca! Comida! Bebida! Não é um sonho? Oh, que bom! *(Dançam à volta de Irineu.)*

IRINEU *(Espantado.)* — Sim! Comida e bebida! Leitã o! Arroz de forno! Peru recheado! Fritada de palmito!

TODOS — Leitão! Peru! Arroz de forno! Palmito!... *(Dançam e abraçam Irineu. Ouve-se ao longe a banda de música, que pouco a pouco se vem aproximando.)*

EDUARDO — Aí vem a música!

TODOS — Sim, aí vem, aí vem a música!

IRINEU — Pois olhe, não supus que ele arranjasse a banda. O Carrapatini disse-me que o major Eufrásio já a tinha tratado por quarenta mil-réis.

EDUARDO — Quem sabe? Vem talvez por conta desse major Eufrásio.

FLORÊNCIO *(Olhando para fora.)* — Não, porque o Frazão vem à frente!

MARGARIDA — Sim, é o Frazão, que dá os vivas!

A VOZ DE FRAZÃO — Viva o coronel Pantaleão!

VOZES — Viva!... *(A banda de música, cujos sons se têm*

aproximado aos poucos, entra em cena trazendo à frente Carrapatini a reger, e Frazão entusiasmado a dar vivas. Vêm atrás dela algumas pessoas do povo.)

CENA IX

OS MESMOS, FRAZÃO, CARRAPATINI, músicos, povo, depois.

PANTALEÃO *à janela*

FRAZÃO — Viva o coronel Pantaleão!

TODOS — Viva!

PANTALEÃO (*Aparecendo à janela com a família.*) — Muito obrigado! Muito obrigado! (*Quer fazer um discurso mas não pode falar por causa do barulho da música. Bate palmas.*)

TODOS — Psiu! Psiu! Pára! Pára! (*A banda deixa de tocar.*)

PANTALEÃO — Meus senhores, eu...

IRINEU (*Aproximando-se da janela e interrompendo-o.*) —Coronel! Coronel!

PANTALEÃO — Que é, capitão?

IRINEU — Ainda não é hora. Precisamos reunir mais gente.

PANTALEÃO — Ah, sim, eu espero. Saia da janela, dona Bertolesa... saiam meninas!... (*Saem da janela.*)

IRINEU (*A Frazão.*) — Vamos dar uma volta pela cidade para arrebanhar mais povo.

FRAZÃO — Mas é que a fome é muita.

IRINEU — Não faz mal: eu já almocei. (*A Carrapatini.*) Então a banda não estava tratada pelo major Eufrásio?

CARRAPATINI — *Si, per cuarenta, ma il signore Frazone trató por xinquanta.*

EDUARDO — Por cinquenta?

CARRAPATINI — *Ha dato vinte e xingue per conta.*

FRAZÃO — *E ficate devendo altri vinte e xingue...* Siga a banda. Viva o coronel Pantaleão!

TODOS — Viva! ... (*Saem todos à frente da banda. Os sons desta e os vivas de Frazão perdem-se ao longe. Sai por último Vieira, sempre muito triste.*)

CENA X

PANTALEÃO, depois visitas, depois todos os personagens do quadro.

PANTALEÃO (*Aparecendo à janela.*) — Decididamente o capitão Irineu é um bom amigo! Esta é a quarta manifestação com que me engrossa! O homem precisa ser vereador! Quem se vai ralar é o major. Eufrásio, e dona Bertolesa também, porque temos que dar de comer a muita gente! Não faz mal. Há aí comida para um exército! (*A um tipo, que entra.*) Ó seu alferes Xandico! Vá entrando! (*Xandico entra na casa.*) Ó seu major Anastácio Pinto, vá subindo! Esta casa é sua! (*A outro.*) Ó seu capitão Juca Teixeira! Entre! (*Entram ambos depois de trocar cerimônias à porta.*) Ó siá dona Mafalda! Seu major Carneiro! Façam o favor! (*A música da banda vem agora mais perto.*) Ó seu tenente Guedes! Dona Constança! (*Entram.*) Xi! Agora, sim! Agora vem muito povo! (*Chamando.*) Dona Bertolesa!... Meninas!... Venham!... (*A família vem para a janela e bem assim algumas visitas. Outras vêm à porta da rua. As janelas das outras casas abrem-se de gente.*) Vou fazer o meu discurso, que é o mesmo do ano passado. (*Ouvem-se foguetes. Entra Frazão à frente da banda, que toca acompanhada por todos os personagens do quadro e considerável massa de povo. A cena deve ficar cheia. Quadro animado.*)

FRAZÃO — Viva o coronel Pantaleão!

TODOS — Viva! (*Mutação.*)

QUADRO VI

Sala de aparência modesta completamente vazia. Porta ao fundo e laterais.

CENA I

DONA RITA, LAUDELINA.

DONA RITA (*Entrando da esquerda acompanhada de Laudelina.*) — Deixa-me! Deixa-me! Quero estar só!

LAUDELINA — Mas por que está zangada comigo?

DONA RITA — Se não fosses tu, não passaríamos por tantas vergonhas! Não sei como sair desta maldita cidade!... *A passagem do Mar Amarelo, em vez de*

salvar a situação, agravou ela! ... Mas que peça! ... Que peça bem pregada!

LAUDELINA — Não conseguiu ser representada na segunda noite.

DONA RITA — Pois se nem na primeira acabou! Que pateada!...

LAUDELINA — Parecia vir o mundo abaixo!

DONA RITA — Mas que borracheira! Bem diz o ditado: “Se não houvesse mau gosto, não se gastava o amarelo!” E amarelo é desespero! Estou desesperada!

LAUDELINA — E eu.

DONA RITA — Tu? Tu tens o que mereces! Os amigos do Frazão não respondem às cartas nem aos telegramas. A renda dos espetáculos não chegou para pagar o que temos comido. O público não quer saber de teatro. O coronel Pantaleão nos garantiu nesta casa até o dia dezoito... mas o dia dezoito é hoje... A tal dona Gertrudes, a dona da casa, já me preveniu...

LAUDELINA — Como se, na situação em que nos achamos,

precisássemos de folhinha. A senhora que lhe disse?

DONA RITA — Que se entendesse com o Frazão. Mas o Frazão não pode fazer milagres! Pois se nem ao menos pagou os vinte e cinco mil-réis que ficou a dever ao mestre da banda! E o italiano não nos deixa a porta! (*Imitando Carrapatini*) *Vinte e xinqu mila ré! Vinte e xinqu mila ré!*

LAUDELINA — O que mais me aborrece é o tal coronel não querer pagar a nossa ida para o Rio de Janeiro!

DONA RITA — Ele anda se enfeitando para ti, e eu estou vendo o momento em que seu Eduardo faz a lguma! ... É o diabo, é o diabo! Estou desesperada! Deixe-me! Quero estar só! Vou meter-me no meu quarto e trancar-me por dentro!... (*Sai furiosa pela esquerda.*)

LAUDELINA — Dindinha! Dindinha! ... (*Acompanha-a até à porta, mas dona Rita fecha-se por dentro.*)

CENA II

LAUDELINA, depois EDUARDO.

LAUDELINA (*Só, voltando à cena.*) — Ela tem razão. A culpada sou eu. Pensava que a coisa era uma... e a coisa é outra. Que seria de mim se dindinha e seu Eduardo não me houvessem acompanhado? A quantos perigos estaria exposta? Fui eu a culpada... logo, compete-me salvar a situação... e é o que vou fazer... Só há um meio, um meio que me repugna, mas não tenho outro... é embelezar esse ridículo coronel, até que ele se explique... Mas com que olhos seu Eduardo verá o meu procedimento?... Que juízo fará de mim?...

EDUARDO (*Entrando do fundo.*) — Bom-dia.

LAUDELINA — Bom-dia. Já tão cedo na rua?

EDUARDO — Fui ver se tinha carta no correio. Escrevi ao Trancoso, aquele vinagre da rua do Sacramento, o tal que recebeu os meus ordenados... mas o miserável fez ouvidos de mercador!

LAUDELINA — Também o senhor deve estar desesperado.

EDUARDO — A tudo me resignaria se a senhora me dirigisse ao menos uma palavra de consolação... se correspondesse a este afeto insensato... Mas, em vez disso, faz-me ter ciúmes... de quem?... Desse pateta, desse coronel Pantaleão, homem velho e casado!

LAUDELINA — Os seus ciúmes, além de serem absurdos, são injuriosos!

EDUARDO — Se são injuriosos, perdoe. Absurdos não podem ser. Não há ciúmes absurdos.

LAUDELINA — Pois não foi o senhor mesmo que me recomendou que agradasse ao coronel?

EDUARDO — Sim, agradasse, mas não tanto...

LAUDELINA — Tanto... como?

EDUARDO — Consentindo, por exemplo, que lhe pegue na mão, assim... (*Pega-lhe na mão.*) que a beije... (*Vai beijar-lhe a mão.*) assim...

LAUDELINA (*Retirando a mão.*) — Alto lá! Ele nunca me beijou a mão! Pegou nela, isso pegou... e disse-me umas bobagens... mas se eu me zangasse, não teríamos o que comer. Francamente: era preciso dar-lhe esperanças...

EDUARDO — Essas esperanças são indignas da senhora! Se fosse a Margarida, eu não diria nada...

LAUDELINA — Olhe, seu Eduardo, vou confessar-lhe uma coisa pela primeira vez: eu gosto do senhor.

EDUARDO — Ah, repita! Diga que me ama!...

LAUDELINA — Não! Eu não disse que o amava; disse que gostava do senhor... O verbo amar só se emprega no teatro e no romance... Eu gosto do senhor; vem a dar na mesma.

EDUARDO — Gosta de mim!

LAUDELINA — Gosto. Agora, diga: é pelo seu dinheiro?

EDUARDO — Não. Estou sem vintém...

LAUDELINA — É pela sua posição na sociedade?

EDUARDO — Também não.

LAUDELINA — É pelo seu espírito? Pelo seu talento? (*Eduardo não responde.*) Também não. É pela sua beleza?

EDUARDO — Não há homens bonitos.

LAUDELINA — Na opinião dos feios. Pois bem; no entanto eu gosto do senhor. Gosto porque gosto, e hei de ser sua mulher...

EDUARDO — Que felicidade!

LAUDELINA — Espere. Hei de ser sua mulher, mas sob uma condição...

EDUARDO — Qual?

LAUDELINA — Enquanto estivermos no mambembe... enquanto durar esta excursão, faça de conta que não tem direito algum sobre mim, nem me peça conta dos meus atos, porque a nossa vida aqui é toda anormal e fictícia. Só me considere sua noiva quando chegarmos ao Rio de Janeiro.

EDUARDO — De Maxambomba para lá?

LAUDELINA — De Belém mesmo, se quiser... ou da Barra do Piraí. Até lá, prometo... juro não praticar ato algum que me torne indigna de ser sua esposa.

EDUARDO — Ó Laudelina!

DUETO

EDUARDO — Depois do que te ouvi, anjo querido,
Pode a sorte fazer de mim o que quiser,
Contanto que algum dia eu seja teu marido,
E tu minha mulher!

LAUDELINA — Sim, mas se acaso fizer cenas,
E se ciúmes tolos tiver,
Não terei pena das suas penas,
Não serei nunca sua mulher!

LAUDELINA — Não terei pena das suas penas,

AMBOS — Não serei nunca sua mulher!

EDUARDO — Não terá pena das minhas penas,
Não será nunca minha mulher!

EDUARDO — Prometo que farei o que meu bem quiser!

LAUDELINA — Não creio nessas
Vagas promessas.

EDUARDO — Que mais quer de mim?
Quer que eu jure?

LAUDELINA — Sim!

I

LAUDELINA — Jura que só chegando ao Rio
Se lembrará que é o meu futuro?

EDUARDO — Juro!

LAUDELINA — Não me lançar olhar sombrio
Quando agradecer alguém procuro?

EDUARDO — Juro!

LAUDELINA — Não lhe passar pela cabeça
Que o meu amor não seja puro?

EDUARDO — Juro!

LAUDELINA — Ciúmes não ter quando aconteça
Eu com alguém ficar no escuro?

EDUARDO — Ju... Perdão! Isso não juro!

LAUDELINA — Se não jura, eu lhe asseguro:
Não serei sua mulher!

EDUARDO — Juro, juro, juro, juro!
Juro tudo que quiser!

EDUARDO — Juro, juro, juro, juro!

AMBOS — Juro tudo que quiser!

LAUDELINA — Jura, jura, jura, jura,
Jura tudo que eu quiser!

II

LAUDELINA — Jura deixar que pra viagem
Eu tente ao menos achar furo?

EDUARDO — Juro!

LAUDELINA — Não se zangar co'uma bobagem
Que por necessidade aturo?

EDUARDO — Juro!

LAUDELINA — Jura deixar que ponha tonto
Um coronel tolo e maduro?

EDUARDO — Juro!

LAUDELINA — E mesmo lhe apanhar um conto,
Seja isto muito duro?

EDUARDO — Ju... Perdão! Isso não juro!

LAUDELINA — Se não jura, etc. (*Como acima.*)

LAUDELINA — Bom! eu precisava desses juramentos... porque vou, talvez, parecer o que não sou... Ao contrário não sairemos de Tocos!...

A VOZ DE DONA RITA — Laudelina!

LAUDELINA — Lá está dindinha a chamar-me! Ela disse que ia trancar-se no quarto, mas não pode passar meia hora sem me ver. Descanse: estou bem guardada. (*Sai pela esquerda.*)

CENA III

EDUARDO, depois BONIFÁCIO.

EDUARDO (*Só*) — Parece-me que fiz juramentos que não devia ter feito. Mas que poderei reear? Laudelina é honesta... Se não o fosse, que necessidade teria de dizer que gosta de mim e há de ser minha mulher?

BONIFÁCIO (*Da porta.*) — Dá licença, nhô?

EDUARDO — Entre. Que deseja?

BONIFÁCIO (*Entrando e apertando a mão de Eduardo*) Não cortando seu *bão prepósito*: é aqui que é a casa de *siá dona Gertrude*?

EDUARDO — Sim, senhor.

BONIFÁCIO — *Vancê* é empregado da casa?

EDUARDO — Não, senhor. (*À parte*) Quem será este animal?

BONIFÁCIO — *Vancê tá assistino* aqui?

EDUARDO — Está o quê?

BONIFÁCIO — *Pregunto se vancê tá assistino* aqui ... sim, se é *ospe* dela?

EDUARDO — *Hospedela?* Sou.

BONIFÁCIO — *Nó vê* que eu queria *falá* co ela *pro morde a cumpanhia de trato qui tá qui..* ou com seu Frazão...

EDUARDO (*À parte*) — É o credor dos carros! (*Alta*) Bom; espere aí que vou chamar o senhor Frazão.

BONIFÁCIO — Homessa! Então dona *Gertrude* é seu Frazão?

EDUARDO — Não, dona Gertrudes é a dona da casa em que está hospedada a companhia. Com quem o senhor quer falar: com dona Gertrudes ou com o senhor Frazão?

BONIFÁCIO — Com quem é que *vancê* *qué* que eu fale?

EDUARDO — Sei lá! Com quem você quiser!

BONIFÁCIO — Então *vancê* chame seu Frazão. Tenho um *negóço* co'ele. (*Eduardo sai*)

CENA IV

BONIFÁCIO, só.

BONIFÁCIO — *Tô coas perna qui não posso, e aqui não tem uma cadeira pra gente descansá! Seis légua no pangaré em quatro hora é da gente se matá! E óiem que eu fui tropero! Já gramei aquela serra de Santo co meu trote de burro, um bandão de veis. Era uma vidinha de cachorro que se passava, mais assim às veis, dá um poco da sodade. A gente tomava o seu cafezinho da priminha bem cedo, arreava as mula e tocava inté notro poso. Quando eu via as bruaca tudo alinhada, as mula tudo amarrado na estaca, mar comparando (Gesto.), tá e quá o jeito de vancêis, óie era bonito memo. A madrinha era uma mula turdia ferrada dos quatro péis qu'era um gambelo de gorda. Quando ela ia na frente (Imita chocalho.) gue... leim... gue... leim... eu atrás co meu tupa, pendurado no ombro, era só! E baju! Ta cumeno capim da cangaia diau!... (Assobia.) Orta mula!... De repente alguma mula desguaritava nalguma incruziada qu'era um inferno: "Nhô Bonifácio, cerque essa mardichoada!" E eu se galopeava atrás da tinhosa, pracadá, pracadá! Que nem um inferno! De uma feita a mulinha pangaré que levava o cargueiro tropicô num toco, cortô a retranca, esparramô a carga da cangáia e abriu-se pro campo afora, veiaquiano, dando coice de céu in terra! Home, dessa feita perdi a cabeça, passei mão na guerrucha e tin... (Imita tiro.) Sortei um panázio nela, que'ela viu o diabo escangaiado. (Outro tom.) Homessa! Mas o tar nhô Frazão não virá? (Mesmo tom que acima.) E ota bestinha boa que era ela! Eu queria bem ela que nem qui fosse minha irmã!*

CENA V

BONIFÁCIO, FRAZÃO.

FRAZÃO (*Da direita.*) — Como passou, seu?...

BONIFÁCIO — *Beimecê.*

FRAZÃO — Olhe que por enquanto não é possível. Não fizemos nada.

BONIFÁCIO — Ahn?

FRAZÃO — Não é possível!

BONIFÁCIO — Como não é *possive?*

FRAZÃO — Tenha paciência. Não posso agora pagar os seus carros.

BONIFÁCIO — Não faz *má*. *Nhô* Chico Inácio paga.

FRAZÃO — *Nhô* Chico Inácio paga?

BONIFÁCIO — Ele me deu *orde*, conforme a sua resposta, de *trata e pagá*.

FRAZÃO — Então foi *Nhô* Chico Inácio quem fez a gentileza?...

BONIFÁCIO (*Sem entender.*) Quem fez o quê?

FRAZÃO — A gentileza?

BONIFÁCIO — Não sei se ele fez isso... o que eu sei é que ele paga.

FRAZÃO — Paga? Belíssimo! Esplêndido! Estou livre dos carros! Olhe, diga a *nhô* Chico Inácio que escreva um drama.

BONIFÁCIO — Ele escreveu, sim, *sinhô*.

FRAZÃO — Escreveu? Então que o mande! Eu represento!

BONIFÁCIO — O que ele escreveu foi esta carta. (*Dá-lhe uma carta.*)

FRAZÃO — Ah! Temos uma carta?

BONIFÁCIO — *Vancê* leia! (*Frazão vai abrir a carta e é interrompido por Vilares, que entra da direita.*)

CENA VI

OS MESMOS, VILARES, depois PANTALEÃO.

VILARES (A Frazão em mangas de camisa, com um leque de doze cartas na mão.) — Ó filho, vê se nos livras daquele italiano!

FRAZÃO — Que italiano?

VILARES — O tal Carrapatini, o mestre da banda. Está nos amolando! Não nos deixa jogar o solo! Entrou pelos fundos da casa e quer porque quer os seus vinte e cinco mil-réis! Cara banda!

FRAZÃO — De cara à banda estou eu, que não tenho com que pagar.

VILARES — Conversa com ele.

FRAZÃO — Mas conversar como, se estou na disga! (A Bonifácio.) Você sabe o que é disga?

BONIFÁCIO — Não, sinhô.

FRAZÃO — Homem feliz. (A Vilares.) Dize ao Carrapatini que venha ter comigo! Esse italiano, por causa dos vinte e cinco mil -réis, é capaz de arranjar uma questão de protocolo!

VILARES — Cá o terás. (Sai pela direita.)

BONIFÁCIO — Vancê leia a carta!

FRAZÃO — É agora! (Vai abrir a carta e suspende-se vendo o coronel, que entra.) Oh! O coronel! (Guardando a carta.) Leio depois. (A Bonifácio.) Vá esperar a resposta sentado na porta da rua.

BONIFÁCIO — Antão inté logo. (Aperta a mão ao coronel e a Frazão, e sai.)

CENA VII

FRAZÃO, PANTALEÃO.

PANTALEÃO — Ora muito bom-dia, caríssimo artista!...

FRAZÃO — Cumprimento o ilustre autor de *Passagem do Mar Amarelo*.

PANTALEÃO — Não me fale nisso. (*Procura onde se possa sentar.*)

FRAZÃO — Por que não? (*À parte.*) É preciso engrossar esta besta! (*Alto.*) Um drama que só não foi aplaudido como devia ser por causa dos inimigos do autor! Que procura Vossa Senhoria?

PANTALEÃO — Uma cadeira.

FRAZÃO — Não há. Dona Gertrudes tinha muito poucas, e distribuiu -as pelos quartos dos artistas; mas quer... (*Menção de sair.*)

PANTALEÃO — (*Detendo-o.*) Não, não se incomode! Estou bem de pé. Acha, então, que o meu drama?...

FRAZÃO — Foram os sequazes do major Eufrásio que sufocaram os aplausos. Maldita politicagem! Mas deixe estar, coronel! Vou representar o seu drama no Rio de Janeiro, no meu teatro e no Teatro São Pedro de Alcântara! Vai ver o sucesso! É peça para centenário! O que é preciso é póla em cena a valer! Forneça-me Vossa Senhoria os recursos necessários... nós partimos para o Rio amanhã ou depois...

PANTALEÃO — Não! Já estou desenganado! Desisto de ser dramaturgo! Vou queimar a *Passagem do Mar Amarelo!*

FRAZÃO — Queimá-lo? Não pode! Não pode! Aquele trabalho não lhe pertence!

PANTALEÃO—Como?

FRAZÃO — Pertence à literatura brasileira! Faz parte do patrimônio nacional! Não deve ser representado só em Tocos!

PANTALEÃO — Representado é coisa que nunca foi. A representação dura duas noites, e ainda não conseguiu ir até ao fim da

primeira!

FRAZÃO — Por causa de quem? Do major Eufrásio!

CENA VIII

OS MESMOS, CARRAPATINI.

CARRAPATINI — *Buon giorno... signor colonello... buon giorno, signor Frazone.*

FRAZÃO — Senhor Carrapato, buon giorno!

CARRAPATINI — *Signor Frazone, sono qui per ricevere vinte e xique mila ré della manifestazione ao colonello.*

PANTALEÃO (*À parte.*) — Da manifestação? Então não foi o Irineu?

FRAZÃO — Senhor Carrapatini, neste momento não posso satisfazer esse importante débito.

CARRAPATINI — *Ma per Dio! Vengo qui tutti i dia, tuttii dia, e lei dixे sempre hogi, manhana, hogi manhana.*

PANTALEÃO (*Baixo, a Frazão.*) — Diga-me cá: foi o senhor que pagou a música?

FRAZÃO — Que paguei é um modo de dizer... que devia pagar... Paguei apenas metade.

PANTALEÃO — Nesse caso, a festa foi sua?

FRAZÃO — Eu não queria dizer, mas este Carrapato me obriga a confessar que sim.

CARRAPATINI — *Carrapatini.*

PANTALEÃO — E eu que não lhe agradeçi! O capitão Irineu tinhame dado a entender que o promotor da manifestação foi ele, mas deixa estar que há de ser vereador quando eu for bispo! (*Baixo, a Carrapatini*) Quanto lhe deve o senhor Frazão?

CARRAPATINI — *Há tratato la banda per xinquenta... ha dato vinte e xique, manca ancora vinte e xique...*

PANTALEÃO — Eu também estou lhe devendo o conserto deste par de botinas. Quanto é mesmo?

CARRAPATINI — *Xique mila ré. E uno remonte.*

PANTALEÃO (*Pagando.*) Bom. Tome lá trinta mil-réis e deixe-nos em paz.

CARRAPATINI — *Grazie tanta, Signor Colonello!... Signor Frazone*

FRAZÃO — Vai para o diabo, Carrapato!

CARRAPATINI — Carrapatini. (*Sai pelo fundo.*)

CENA IX

FRAZÃO, PANTALEÃO.

FRAZÃO — Não sei como hei de pagar Vossa Senhoria...

PANTALEÃO — Não sabe como me há de pagar? Com dinheiro!

FRAZÃO — Não! Não é isso! (*À parte.*) Que bruto! (*Alto.*) Não sei como lhe hei de pagar tanta generosidade! Ah, juro-lhe: o seu drama será representado no Rio de Janeiro!

PANTALEÃO — Muito obrigado. O meu drama tem-me custado muito dinheiro. Já chega. Senhor Frazão, vim aqui de propósito para avisá-lo de que de amanhã em diante não me responsabilizo mais pelas despesas que os senhores fizerem aqui em casa de dona Gertrudes.

FRAZÃO — Coronel, tente ainda mais uma cartada! Consinta que representemos o seu drama na Capital Federal. Quando Vossa Senhoria vir o São Pedro repleto de espectadores, a platéia cheia de cavalheiros encasacados, os camarotes assim (*Gesto.*) de senhoras decotadas, com magníficas toaletes... a imprensa toda a postos... Quando acabar o primeiro ato: à cena o autor! À cena o autor!... E as pipocas!

PANTALEÃO — Pipocas?

FRAZÃO — Sim, as palmas!

PANTALEÃO — Esta linguagem teatral é incompreensível.

FRAZÃO — E Vossa Senhoria em cena só assim... (*Faz medidas e abaixa-se como para apanhar alguma coisa.*) agradecendo e apanhando as flores. E os jornais falando da peça quatro dias depois!

PANTALEÃO — Quatro dias?

FRAZÃO — Sim, porque leva duas noites a ser representada. Só no quarto dia a crítica se pronunciará!

PANTALEÃO (*Entusiasmado.*) — Parece-lhe então que?...

FRAZÃO — Se me parece? Tenho quase quarenta anos de tarimba! Não! Lá no Rio de Janeiro não há majores Eufrásios que sufoquem as aclamações populares! Lá ninguém fará politicagem à custa do seu drama! O triunfo é certo!

PANTALEÃO (*Radiante.*) — Pois bem! Consinto!...

FRAZÃO (*À parte.*) Apre! Custou!... (*Limpa o suor.*)

PANTALEÃO — Consinto que represente o drama.

FRAZÃO — Podemos então contar com Vossa Senhoria?

PANTALEÃO — Como contar?

FRAZÃO — Sim... contar com as despesas da nossa ida para o Rio?

PANTALEÃO — Com as despesas podem contar... (*Frazão alegre-se*) mas não comigo: não dou vintém!

FRAZÃO — Como?

PANTALEÃO — Não dou vintém! (*Laudelina aparece à esquerda. Toma o fundo da cena e aos poucos desce à direita ouvindo o diálogo.*)

FRAZÃO — Ora bolas! Então como quer Vossa Senhoria que saíamos daqui?

PANTALEÃO — Sei lá! Não tenho nada com isso!

FRAZÃO — Não me empresta, ao menos, o dinheiro preciso para mover a companhia?

PANTALEÃO — Não, senhor... dou-lhe a peça, os cenários, as vestimentas e dispenso os direitos de autor. Não faço pouco!...

FRAZÃO (*Desesperado.*) — Ó terra desgraçada! Ó Tocos do diabo, que eu não conhecia! Quem mandou aqui vir?... Uma peste de cidade em que nem ao menos se pode passar um benefício! (*Vendo Laudelina e indo a ela, baixo.*) Ó filha! Só tu nos podes salvar! Deixa-te de luxos e arranca daquele bruto o dinheiro das passagens! (*Sai pela direita.*)

CENA X

PANTALEÃO, LAUDELINA, depois EDUARDO.

TERCETO

LAUDELINA — Meu caro coronel...

PANTALEÃO — É ela! é ela!...
'Stá cada vez mais bela!

LAUDELINA — Meu caro coronel...

PANTALEÃO — Coronel, não!
Chama-me antes Leão,
Diminutivo de Pantaleão!

LAUDELINA — Meu caro Leãozinho...

PANTALEÃO — Leãozinho!
Que meiguice! Que carinho! (*Toma-lhe a mão. Eduardo aparece à esquerda.*)

EDUARDO (À parte.)

— Ela com ele! Ó desgraçada! (*Quer avançar mas contém-se.*) Mas eu jurei que não faria nada!

LAUDELINA — Leãozinho, tenha pena,
Tenha pena do Frazão!
Uma soma tão pequena
Não recuse, coração!

PANTALEÃO — De você, meu bem, depende
Que eu socorra a esse ator.

LAUDELINA — Como assim?

PANTALEÃO — Você me entende...

LAUDELINA — Não entendo, não, senhor.

PANTALEÃO — Se você ficar macia,
Se você me quiser bem,

Vai-se embora a companhia
E eu com você vou também...

EDUARDO (*À parte*) — Ele com ela! Ó desgraçada! (*Como acima.*)
Mas eu jurei que não faria nada!

LAUDELINA — Dê-lhe as passagens, coitado!
Dê-lhas! Quem pede sou eu...

PANTALEÃO — Como és linda!

EDUARDO (*À parte.*) — Estou danado!
Meu sangue todo ferveu!

PANTALEÃO — Menina, se na viagem
Pertinho de ti não vou,
Eu posso dar-lhe [a] *Passagem*,
Mas as passagens não dou.

LAUDELINA — Leãozinho, tenha pena,
Tenha pena do Frazão!
Uma soma tão pequena
Não recuse, coração!

PANTALEÃO — Se você tem pena,

OS TRÊS Tenho pena do Frazão;
Mas se você me condena,
Eu pena não tenho não!

EDUARDO (*À parte*) — Laudelina não tem pena
Deste amor, desta paixão!
Não suporto aquela cena!
Espatifo o paspalhão!

PANTALEÃO — Então?... Que dizes?... Sê boazinha para mim!

LAUDELINA — Se dona Bertolesa o visse...

PANTALEÃO — Não me fales em minha mulher... Aquilo é uma fúria!... Vamos...
sê boa, e serás feliz! Sou rico, muito rico!

LAUDELINA — Para mim não peço nada... mas para os meus companheiros, que
se acham numa situação desesperadora.

PANTALEÃO — Os teus companheiros pouco me importam! Só tu me interessas! (*Agarrando-a.*) Olha, dá-me um beijo... um beijinho!... Um só!...

LAUDELINA — Largue-me!

PANTALEÃO (*Tentando beijá-la.*) — Uma boquinha!... Uma beijoca!

LAUDELINA — Eu grito!

PANTALEÃO — Não grites! Uma beijoca! (*Quando vai a beija-la, Eduardo corre para ele, separa-o dela, e dá-lhe um murro.*) Que é isto?!

LAUDELINA — Seu Eduardo! ... (*Pantaleão tira um apito do bolso e apita.*)

EDUARDO — Ah! Tu apitas. (*Atraca-se com ele e dá-lhe um trambolhão. Pantaleão, mesmo no chão, apita.*)

CENA XI

OS MESMOS, FRAZÃO, os artistas, o SUBDELEGADO, dois soldados, pessoas do povo.

CORO — Que foi? Que foi? Que sucedeu?
Que aconteceu? Que aconteceu?
Levou pancada e trambolhão
O coronel Pantaleão!
Ah! ah! ah! ah! ah! ah!
Pobre coronel Pantaleão!

LAUDELINA — Desculpar queira Vossa Senhoria
Um venerável da Maçonaria
Que é coronel da Guarda Nacional,
E presidente...

CORO — Perfeitamente.

LAUDELINA — Da Câmara (*Repete três ou quatro vezes.*)
Municipal!...

CORO — Da Câmara (*Repete três ou quatro vezes.*) Municipal!...

OS ARTISTAS — Mas que foi? Que foi?...

LAUDELINA — Seu Eduardo bateu no coronel!

O SUBDELEGADO — Prendam aquele indivíduo! (*Os soldados prendem Eduardo. A Pantaleão, dando-lhe a mão para levantar-se.*) Levante-se Vossa Senhoria.

FRAZÃO (*Ao Subdelegado.*) Atenda, senhor... Quem é mesmo o senhor?

SUBDELEGADO — Eu sou o subdelegado! A nada atendo!...

PANTALEÃO (*Baixo, ao Subdelegado.*) — Atenda, atenda, para evitar o escândalo!

SUBDELEGADO — Desculpe, coronel, já disse, nada atendo! Há dois anos que sou subdelegado e ainda não consegui prender ninguém em flagrante... E hoje foi por acaso... eu ia passando com a ronda... se passasse um pouco antes ou um pouco depois, teria perdido a ocasião. (*Satisfeito.*) Enfim! O meu primeiro flagrante!... Vou arrumar-lhe o 303; ofender fisicamente alguém ou lhe causar alguma dor. (*A Pantaleão.*) Doeu?

PANTALEÃO — Doeu.

SUBDELEGADO — Doeu? Parágrafo 2º. (*Aos soldados.*) Sigam com o preso para o xadrez! Vamos, coronel, Vossa Senhoria é a vítima!

PANTALEÃO (*Baixo.*) — Mas eu não quero ser vítima. E dona

Bertolesa, se sabe...

SUBDELEGADO — A nada atendo! Vai a corpo de delito. (*A*

Laudelina.) A senhora também vai.

LAUDELINA — Eu?

SUBDELEGADO — É testemunha. Sigam! Sigam!

MARGARIDA — Vamos todos! Não podemos abandonar o colega!...

ARTISTAS — Decerto! Vamos! Vamos todos!... (*Saem em confusão pelo fundo todos, menos Frazão.*)

CENA XII

DONA RITA, FRAZÃO, e depois o CARREIRO.

DONA RITA (*Entrando.*) — Que foi isto?

FRAZÃO — A senhora não viu?

DONA RITA — Estava dormindo. Acordei agora.

FRAZÃO — O Eduardo foi preso, por ter enchido o coronel Pantaleão!

DONA RITA — Eu já esperava por isso! E o senhor não o acompanhou?

FRAZÃO — Não! Mas lá foi toda a companhia.

DONA RITA — Mas o senhor... como empresário...

FRAZÃO — Por isso mesmo. Aquilo é negócio de fiança e, como empresário, eu faria uma figura muito ridícula não tendo com que pagá-la.

CARREIRO (*Entrando.*) — *Louvado Suscristo! Vancê dá licença?*

DONA RITA — Olhe, aí está o Carreiro que nos trouxe do Tinguá.

CARREIRO — É verdade.

FRAZÃO — Como vai, seu?...

CARREIRO — Como Deus é servido. Eu vim por *morde* aquilo?...

FRAZÃO (*Sem entender.*) — *Morde* quê?

CARREIRO — *Vancê* não disse que passando três *dia* da nossa chegada eu *vinhesse arrecebê* os duzentos da condução?

FRAZÃO — E *nhô* Chico Inácio?

CARREIRO — Eu achei *mió vortá* pro Tinguá, e como tinha de *í* cos meus *carro* pra *levá* quem *quisé i na* Festa do Divino, que vai *havê* no Pito Aceso...

FRAZÃO — Onde é esse Pito Aceso?

CARREIRO — É uma cidade que tem seis *légua* daqui. A gente sobe a Serra da

Mantiqueira, depois desce um tico...

FRAZÃO — Vai haver lá uma festa?

CARREIRO — Um festão! Vai um mundo de povo *desta vinte légua em redó!*

FRAZÃO (*A dona Rita, baixo.*) — Se nós lá fôssemos?

DONA RITA (*Idem.*) — Eu não digo nada!

FRAZÃO (*Idem.*) — Este homem já recebeu do tal Chico Inácio os duzentos que lhe devíamos. Temos, com certeza, crédito para esta nova viagem.

DONA RITA (*Idem.*) — O diabo é seu Eduardo preso...

FRAZÃO (*Idem.*) — Dão-se lá uns espetáculos e manda-se o dinheiro para a fiança. (*Ao Carreiro.*) Você quer nos levar para o Pito Aceso?

CARREIRO — Sim, *sinhô.*

FRAZÃO (*A dona Rita.*) — Não dizia? (*Ao Carreiro.*) E quanto quer por esse serviço?

CARREIRO — Outro *duzento...*

FRAZÃO — Pois está fechado nas mesmas condições.

CARREIRO (*Desconfiado.*) — Como nas *mesma condição?*

FRAZÃO — Você recebe o dinheiro três dias depois da chegada.

CARREIRO — Mas esses três *dia quanto dia* demora?

DONA RITA — Ora essa!...

CARREIRO — Sim, porque a *viage* do Tinguá, que *vancê* tinha de *pagá*, já *passa* mais de vinte e eu ainda não *arrecebi!*

FRAZÃO — Então não falou com *nhô* Chico Inácio?

CARREIRO — Que *nhô* Chico Inácio?

FRAZÃO — Ora! *Nhô* Chico Inácio. Não conhece?

CARREIRO — Não!

FRAZÃO — Nem eu: mas o seu companheiro disse que ele pagava.

CARREIRO — Meu companheiro?

FRAZÃO — Sim, que por sinal me deu esta carta que ainda não li. Olhe! Ele aqui está! (*Aponta para Bonifácio, que aparece ao fundo.*)

CENA XIII

OS MESMOS, BONIFÁCIO.

CARREIRO — Este é que é o *tá* de Chico Inácio?

FRAZÃO — Não; este é o que supus seu companheiro, mas vejo que não é. (*A Bonifácio.*) Então, que embrulhada é esta? *Nhô* Chico Inácio não pagou os carros de boi?

BONIFÁCIO — Não pagou, mas paga.

CARREIRO — Sei lá quem é *nhô* Chico Inácio!

BONIFÁCIO — É meu patrão! O chefe do Pito Aceso!

CARREIRO — Seja lá o que ele *fô*, mas o que eu quero é os *meu duzentos mi réis*.

FRAZÃO — Que trapalhada!

BONIFÁCIO — Quem tá fazendo *trapaçada* é *vancê*. *Vancê* já leu a carta?

FRAZÃO — Ah! É verdade. Estou com a cabeça a juro!... (*Abre a carta e lê.*) “Senhor Frazão. O portador é o meu empregado Bonifácio Arruda, que vai, em meu nome, propor a vinda de sua companhia para dar aqui três espetáculos. Como Vossa Senhoria sabe, há agora aqui uma festa do Espírito Santo, e eu sou o Imperador. O dito Bonifácio leva ordem para adiantar dinheiro para a viagem. De Vossa Senhoria, etc... Francisco Inácio.” (*Declamando*) Não há a menor dúvida! Vamos! (*A dona Rita.*) Não é?

DONA RITA — Isso não se pergunta!

FRAZÃO (*Ao Carreiro.*) — Você tem aí os carros e os animais?

CARREIRO — Tenho, mas não levo *vancê* sem *arrecebê* meu dinheiro!

BONIFÁCIO (Ao Carreiro.) — Ó *home*, *vancê* pensa que *tou* enganando *vancê*? Dinheiro tá *qui*! (Mostra um maço de notas.)

FRAZÃO (Tomando o braço de dona Rita para não desmaiar.) — Dinheiro!

DONA RITA — Dinheiro!

FRAZÃO — Começemos por pagar a fiança do Eduardo!

CENA XIV

OS MESMOS, LAUDELINA, EDUARDO, os artistas.

LAUDELINA (Entrando.) — Não tem que pagar nada!

EDUARDO — Estou solto!...

TODOS — Está solto!

FRAZÃO — Solto! Mas como?

LAUDELINA — Ameacei o coronel Pantaleão de ir à sua casa dizer a dona Bertolesa que tudo foi por ele ter-me querido dar um beijo. Tanto bastou para que se abafasse a questão.

FRAZÃO — Tudo foi, não por isso, mas por ter eu conservado uma carta na algibeira, sem a ler. Meus senhores, vamos ao Pito Aceso dar três espetáculos!

TODOS — Pito Aceso? Onde é?...

FRAZÃO — Daqui a seis léguas. Fomos contratados. Este homem trouxe-nos dinheiro para a condução!

TODOS — Dinheiro! Dinheiro! ... (Dançam.)

FRAZÃO — Tratem de se preparar! Vamos! Vamos! Saiamos, quanto antes, destes malditos Tocos!

TODOS — Vamos! Vamos! ... (Saem todos.)

FRAZÃO (Ao Carreiro.) — Vá buscar os carros e os animais.

CARREIRO — Sim, sinhô! (*Sai.*)

FRAZÃO (*A Bonifácio.*) — E você arranje uns carregadores para as bagagens.

BONIFÁCIO — Sim, sinhô! (*Sai.*)

FRAZÃO (*Só.*) — E dizer que, quando eu chegar ao Rio de Janeiro para descansar de tantas consumições e fadigas, a primeira coisa em que hei de pensar é na organização de outro mambembe!...

CENA XV

FRAZÃO, PANTALEÃO.

PANTALEÃO — Meu caro artista, estou inquieto... Se dona Laudelina cumpre a sua ameaça, e vai dizer à minha mulher que eu... O senhor não conhece a dona Bertolesa! É uma fúria!...

FRAZÃO — Tranquelize-se: nós vamos todos daqui a pouco para o Pito Aceso. Só o tempo de preparar as malas. Antes disso, Vossa Senhoria será pago dos vinte e cinco mil réis que lhe devo. (*Sai à esquerda.*)

PANTALEÃO (*Só.*) — Querem ver que os homens foram contratados para dar espetáculos no Pito Aceso? Não é outra coisa! É a época da famosa festa do Espírito Santo, em que se reúnem mais de dez mil pessoas. E o meu drama pode ser representado lá! ... Sim... aqui não pode ser, mas lá... O sucesso! O aplauso! As pipocas! À cena o autor!... À cena o autor! ... (*Agradece e faz menção de apanhar flores.*) E depois, a Laudelina lá... Dona Bertolesa aqui... Está decidido! Vou ao Pito Aceso! ... (*Sai pelo fundo. Mutações.*)

QUADRO VII

Na Mantiqueira, em pleno sol. Os artistas formam grupos nos carros de bois. Frazão monta um burro. Todos admiram a paisagem.

CENA I

LAUDELINA, FRAZÃO.

LAUDELINA (*Do alto de um carro.*) — Como o Brasil é belo! Nada lhe falta!

FRAZÃO — Só lhe falta um teatro...

[(Cai o pano.)]

ATO TERCEIRO

QUADRO VIII

*Uma praça no arraial. Ao fundo, à esquerda, capela, e ao lado desta, ao fundo, à direita, um coreto onde se acha a banda de Carrapatini com este em evidência. Os três primeiros planos da esquerda são ocupados pelo barracão onde se improvisou o teatro. À porta desse barracão cartaz com o seguinte letreiro em caracteres graúdos: “Teatro, hoje! segundo espetáculo da grande Companhia Dramática Frazão, da Capital Federal. Representação da sublime peça em cinco atos *O Poder do Ouro*, do festejado escritor Eduardo Garrido. O papel de Joaquim Carpinteiro será representado pelo popularíssimo ator Frazão. “À direita baixa, coreto do leilão, sendo leiloeiros Frazão e Margarida. A cena está cheia de povo. Há diversos jaburus, rodeados por jogadores. Aqui e ali vêem-se pretas sentadas com tabuleiros de doces. Da capela saem de vez em quando devotos e devotas, anjos com cartuchos de doces etc.*

CENA I

FRAZÃO, MARGARIDA no coreto do leilão ou império, CARRAPATINI e os músicos no coreto da música, VILARES, COUTINHO, FLORÊNCIO, ISAURA, foliões, povo, jogadores, vendedores de doces, depois CHICO INÁCIO e a MADAMA.

CORO GERAL

Que bonita festa
Do Espírito Santo!
Tudo causa encanto!
Tudo faz viver!
Sim, ninguém contesta:
Não nos falta nada
Nesta patuscada
Que nos dá prazer!

(Vendo Chico Inácio, que sai da capela, trazendo a Madama pela mão.)

Sai da capela seu Chico Inácio,
Acompanhado pela Madama!

Provou seu Chico não ser pascácio:
A sua festa deixará fama. (*Declamando.*)
Viva o imperador Chico Inácio! Viva a Madama!

(Chico Inácio e a Madama chegam ao proscênio agradecendo por gestos.)

COPLAS

I

CHICO INÁCIO — Estou muito satisfeito!

MADAMA — Considero-me feliz!

CHICO INÁCIO — Imperador estou feito!

MADAMA — Estou feita Imperatriz!
Em plena democracia...

CHICO INÁCIO — Tem ali o seu sabor...

MADAMA — Ser imperatriz um dia!

CHICO INÁCIO — Ser um dia imperador!

AMBOS — Que toda a gente
Cumprimente
Este casal imperial
Que tem um trono refulgente
Do Pito Aceso no arraial!

CORO — Que toda a gente, etc.

II

MADAMA — O imperador do Divino
Ninguém poderá dizer
Que tenha o mesmo destino
Do imperador a valer...

CHICO INÁCIO — Mais parece o presidente.
Porque o presidente sai...
E pro lugar inda quente
Outro presidente vai!

AMBOS — Que toda a gente

Cumprimente, etc.

CORO — Que toda a gente, etc.

FRAZÃO (*No império, apregoando.*) — Agora, a última prenda, meus senhores!

MARGARIDA (*Idem.*) — Um frango assado!

FRAZÃO — Quanto dão por este perfumado frango? Quanto? Tenho um cruzado...

VILARES — Dois cruzados!

FRAZÃO (*Idem.*) — Dois cruzados! Dois...

MARGARIDA (*Idem.*) — Quem mais lança?

FRAZÃO (*Vendo que ninguém mais lança.*) — Dou-lhe uma. Dou-lhe duas. Dou-lhe três... É seu o frango.

VOZES DO POVO — Venha um verso!

FRAZÃO (*Enquanto Vilaes recebe o frango e paga.*)

— Todo sujeito casado
Deve ter um pau no canto
Para benzer a mulher
Quando estiver de quebranto.

TODOS (*Rindo.*) — Bravo! Bravo!

MARGARIDA (*A Carrapatini.*) — Toca a música, seu Carrapatini!

CARRPATINI (*A Margarida.*) — *No bisogna prevenire! Già lo sapeva... (A música toca um pequeno motivo. Frazão e Margarida descem do coreto, onde imediatamente começam a armar o império.)*

CHICO INÁCIO — Ó minha senhora! Meu caro Frazão! Não sei como agradecer-lhes o terem aceitado os lugares de leiloeiros do Divino.

FRAZÃO — Não tem que agradecer, seu Chico Inácio. A Companhia Frazão é que está penhorada pela maneira por que foi recebida pelo chefe político do Pito Aceso.

CHICO INÁCIO — A Companhia Frazão mostrou-se na altura dos seus créditos. O primeiro espetáculo, anteontem, foi um sucesso sem precedentes. O segundo anuncia -se para hoje com outro sucesso igualmente sem precedentes.

MADAMA — Estou satisfeita porque fui eu que tive a idéia de mandar contratar a companhia.

OS TRÊS (*Que ouviram, aproximando-se da Madama*) — Ah! Foi a Madama?

MADAMA (*Cumprimentando-os, muito satisfeita.*) — Fui eu.

CHICO INÁCIO — Foi ela. Aqui para nós, que ninguém nos ouve: (*Chama-os por gestos para um segredo*) A Madama é uma antiga colega dos senhores.

ATORES — Uma antiga colega?

CHICO INÁCIO — É verdade! Em 1879, quando eu fui ao Rio de Janeiro pela última vez, vi Madama representar numa companhia francesa que trabalhava no Cassino Franco-Brésilien.

MARGARIDA — Onde era isso?

FRAZÃO — Onde é hoje o Santana. Tu ainda não eras gente.

CHICO INÁCIO — Representava-se *Les Brigands*.

MADAMA (*Cantando*) — *C'est Fiorella la blonde, etc.*

CHICO INÁCIO — É isso... Ela fazia uma das pequenas que se deixam roubar pelos salteadores. Uma noite, depois do espetáculo, eu fiz como Falsacapa: apoderei-me dela; fomos cear no Bragança...

MADAMA — E nunca mais entrei no teatro.

MARGARIDA (*Dando um pequeno tapa na pança de Chico.*) — Gostou, hein?

CHICO INÁCIO —Gostei. Gostei tanto que a trouxe comigo para o Pito Aceso, e dois anos depois estávamos ligados pelos indissolúveis laços do himeneu. Entretanto, impus uma condição...

MADAMA — E eu aceitei-a *avec plaisir*.

CHICO INÁCIO — Se algum dia me aparecer minha filha... Uma filhinha que eu... justamente em 1879... mas isto são particularidades que não os interessa.

(*Outro tom*) Já vêem que é uma antiga colega.

FRAZÃO (A *Madama.*) — Filha, dá cá um abraço. (*Abraça-a.*) Tiveste a fortuna de encontrar o teu Pato... (*Emendando*) quero dizer o teu Pito.

MADAMA — Aceso.

FRAZÃO — Isto é uma coisa de que nem todos se podem gabar.

MARGARIDA — É muito difícil encontrar um Pito, mesmo apagado.

MADAMA — O que eu sinto é que não estejam bem acomodados.

VILARES — Não diga isso. Deram-nos os melhores quartos da casa.

FLORÊNCIO — E a casa é um casão.

COUTINHO — Mais gente houvesse que ainda chegava.

ISAURA — Ainda não moramos num hotel que tivesse tantas comodidades.

COUTINHO — Nem tão barato!

UM JOGADOR — Jaburu! Olha o joguinho do caipira! Quem mais bota mais tira! (*A Bonifácio, que está no Jaburu.*)

CHICO INÁCIO — Ó Bonifácio!

BONIFÁCIO (*Vindo.*) — Às ordens.

CHICO INÁCIO — Esse cateretê ficou pronto?

FRAZÃO — Olá! Temos cateretê?

BONIFÁCIO — É uma festinha que a gente *fumo fazê* em casa da Rosinha da Ponte. Eu inda *tou* vestido de *arfere* da bandeira. A coisa *fico* bem ensaiada. Se *mêceis quê* uma nota, eu chamo os *folião*.

TODOS — Sim... queremos... chame...

BONIFÁCIO (*Chamando.*) — Eh! Ó Manduca! Entra aqui no cateretê prestes, *home vê!* Ó Tudinha! (*Chama. Entra Tudinha.*) Ó Totó! *Bamo* co isso! Ó Chiquinha! Ó Zeca! *Nhô Tedo! Nhô Tico! Nhá Mariana! Venha tudo!* (*As pessoas chamadas aproximam-se e formam uma roda. Bonifácio, ao ver formada a*

roda.) Ó mundo aberto sem *portera!* *Cateretê*

I

BONIFÁCIO — *Vancê* me chamou de feio;
Eu não sou tão feio assim.
Foi depois que *vancê* veio
Que *pegô* feio *ne* mim.

FOLIÕES — Neste mato tem um passarinho, ai,
Passarinho chamado andorinha, ai,
Andorinha *avoou* agorinha, ai,
Deixou os *ovo* chocando no ninho.

CORO GERAL — Neste mato tem um passarinho, ai, etc.

II

BONIFÁCIO — Não quero mais *namorá*
A filha do barrigudo.
Não quero que o povo diga
Que eu tenho cara pra tudo.

OS FOLIÕES — Neste mato, etc.

CORO GERAL — Neste mato, etc.

BONIFÁCIO — Pronto. *Tá í.*

TODOS (*Aplaudem.*) — Bravo! Bravo! (*Os foliões dispersam-se à vontade.*)

CHICO INÁCIO — Bem, os senhores hão de me dar licença. Tenho que me vestir de imperador para sair no bando.

FRAZÃO — O senhor vestido de imperador? Pois não é um menino?

CHICO INÁCIO — Não. A moda daqui é à antiga. Sou eu mesmo que vou vestido.

MARGARIDA (*Olhando para dentro.*) — Olhem quem ali vem. O Coronel Pantaleão.

FRAZÃO — O coronel Pantaleão?

TODOS — Sim. É ele! É ele!

ISAURA (*À parte.*) — Veio atrás da Laudelina. Dá Deus nozes...

CENA II

OS MESMOS e CORONEL PANTALEÃO.

(Entra o coronel Pantaleão montado num burro e desce ao proscênio. Os circunstantes aglomeram-se em semicírculo.)

CORO

É ele! É ele! É o genuíno!
É o coronel Pantaleão,
Quem vem à festa do Divino
Por ser de sua devoção!

RONDÓ

PANTALEÃO (Montado no burro.)

— Eu, por chapadas e atoleiros,
Aqui vim ter, e dez cargueiros
Com os acessórios, vestuários,
E maquinismos e cenários
Do meu encaiporado drama,
Que uma desforra enfim reclama,
Porque, por infelicidade,
Não passou nunca da metade.
Um meio autor eu sou apenas!
Para aplacar as minhas penas,
Eu por chapadas e atoleiros,
Aqui vim ter com dez cargueiros!

CORO — Com dez cargueiros! Dez cargueiros!...

É ele! É ele! É o genuíno!
É o coronel Pantaleão,
Quem vem à festa do Divino
Por ser de sua devoção!

CHICO INÁCIO — Ó meu caro coronel Pantaleão Praxedes Gomes! Apeie-se.

PANTALEÃO (Apeando-se.) — Seu Chico Inácio! Madama! Meus senhores!

CHICO INÁCIO — O senhor por aqui. Grande honra.

PANTALEÃO — Vim ver a sua festa. (A Frazão.) Preciso falar-lhe.

FRAZÃO — Recebeu os vinte e cinco mil réis?

PANTALEÃO — Recebi. Não se trata disso.

CHICO INÁCIO (*A Bonifácio.*) — Ó Bonifácio! Recolhe o burro do coronel.

PANTALEÃO (*Voltando-se.*) — Como?

CHICO INÁCIO — Estou mandando recolher o seu animal, porque sei que o amigo vai para nossa casa.

BONIFÁCIO (*Saindo com o burro.*) — *Bamo, patrício. (Sai.)*

MADAMA — Para onde havia de ir?

PANTALEÃO — Mas é que vieram comigo mais dez cargueiros que estão ali do outro lado da ponte. São os cenários do meu drama.

ATORES — Quê! Pois trouxe?

PANTALEÃO — Não quero perder a vasa. (*sic*)

CHICO INÁCIO — Providencia -se já! (*A um do povo.*) Eustáquio! Vá doutro lado da ponte e diga ao arrieiro que descarregue os cargueiros na casa da Câmara. Se a chave não estiver na porta, está em casa da Chiquinha Varre-Saia. (*O homem do povo sai correndo.*)

PANTALEÃO — É muita amabilidade.

CHICO INÁCIO — Vamos até à casa, seu coronel.

MADAMA — Vou mostrar-lhe o seu quarto.

CHICO INÁCIO — Eu tenho que me vestir de imperador. (*Aos artistas.*) Até logo.

PANTALEÃO (*Saindo, a Frazão.*) — Preciso falar-lhe. (*Sai com Chico Inácio e Madama.*)

CENA III

FRAZÃO, VILARES, MARGARIDA, FLORÊNCIO, ISAURA, COUTINHO, depois VIEIRA.

FRAZÃO — Pois não se meteu em cabeça este idiota de fazer montar aqui a tal bagaceira...

ISAURA — O que ele quer montar sei eu...

VILARES — Livra! Não venha ele trazer-nos a caipora. Por enquanto vamos tão bem!

MARGARIDA — É verdade! Fomos de uma felicidade inaudita.

FLORENCIO — Há muito tempo que não víamos tanta gente no teatro.

VILARES — Nem tanto dinheiro!

COUTINHO — E que entusiasmo!

FRAZÃO — Teatro é um modo de dizer. Olhem para aquela fachada. (*Aponta o barracão.*)

VILARES — E o palco?

FRAZÃO — Não subo nele sem reçar a todo o momento que as barricadas venham abaixo.

MARGARIDA — E a repetição do primeiro ato?

FRAZÃO — É verdade! Fomos obrigados a repetir todo o primeiro ato, porque Chico Inácio só apareceu depois de cair o pano.

VILARES — Não foi por gosto dele...

FRAZÃO — Não foi por gosto dele, mas o povo todo começou a gritar: Repita, repita o ato que seu Chico Inácio não viu, e não houve outro remédio senão repetir! Confesso que é a primeira vez que me acontece uma destas. (*Entra Vieira.*)

VIEIRA (*Entrando fúnebre como sempre.*) — Venho do correio. Nem uma carta da família... Como é dolorosa esta ausência... Em compensação mandei-lhes cem mil-réis...

VILARES — E eu, cinquenta para o Monteiro.

FRAZÃO — Coragem, Vieira. Em breve estaremos no nosso Rio de Janeiro.

VIEIRA — Mas até lá!...

MARGARIDA — Até lá é esperar. Descansa, que não haverá novidade em tua casa.

VIEIRA (*A Frazão.*) — Você já viu o cemitério daqui?

FRAZÃO — Não.

VIEIRA — Uma coisinha à-toa: ali atrás da igreja. Nem parece cemitério.

FRAZÃO — Esta noite depois do espetáculo, se Deus não mandar o contrário, vou fazer uma *fezinha*...

ARTISTAS (*Interessados.*) — Onde? Onde?

FRAZÃO — Cá, em certo lugar. Já fui convidado por um *alabama*, mas não consinto que vocês joguem! Jogarei por todos!

VILARES — Por falar nisso, se fôssemos para casa cair num sete-emeio até a hora do jantar?

MARGARIDA — Bem lembrado!

TODOS — Valeu! Valeu! Vamos! (*Saem!*)

VIEIRA — Vou sempre dar um giro até o tal cemitério. (*Sai.*)

CENA IV

LAUDELINA, DONA RITA e EDUARDO, saindo da igreja.

DONA RITA (*Contemplando o Vieira, que não os vê.*) — Pobre homem! Mire-se naquele espelho, Laudelina. Como o teatro é mentiroso!

(Vieira sai.)

LAUDELINA — Mentiroso, mas cheio de surpresas e sensações. Anteontem estávamos desanimadas, tendo perdido quase a esperança de poder voltar à nossa casa e ainda agora, ajoelhadas e de mãos postas, naquela igreja, agradecemos a Deus a reviravolta que houve na nossa situação. Para isso bastou um espetáculo...

DONA RITA — E que felicidade a de termos encontrado esta gente que nos hospedou. Que francesa amável!

LAUDELINA — E o senhor Chico Inácio! Que homem simpático!

DONA RITA — Não nos esqueçamos de que estamos convidadas para comer canjica com eles depois do espetáculo.

EDUARDO — O diabo é ter eu que decorar este papel para depois de amanhã. Que lembrança do Frazão em fazer representar um dramalhão de capa e espada, quando há tanta peça moderna.

LAUDELINA — Console-se comigo, que fui obrigada a estudar o papel de Dona Urraca.

DONA RITA — E eu o de Dona Branca... uma ingênua! Eu a fazer ingênua! Nesta idade e com este corpanzil...

EDUARDO — A necessidade tem cara de herege... A peça exige quatro ingênuas. Quatro irmãs. *(Ouve-se a música de Carrapatini vir se aproximando.)*

LAUDELINA — Lá vem a banda do Carrapatini.

EDUARDO — Naturalmente vem tocar outra vez no coreto.

DONA RITA — Não. Foi buscar o Chico Inácio para assistir ao sorteio do imperador do ano que vem.

VOZES *(Dentro.)* — Viva o imperador Chico Inácio! Viva! ...

CENA V

OS MESMOS, CHICO INÁCIO, MADAMA, CARRAPATINI, dois mordomos, um Anjo, irmãos do Espírito Santo, músicos, povo [e RODOPIANO] (Soltam foguetes, repicam os sinos. A irmandade do Espírito Santo sai da igreja e vai receber Chico Inácio, que entra com toda a solenidade dando a mão à Madama. Chico Inácio, que vem vestido de casaca de veludo verde, manto escarlata, calção, meias de seda, sapatos afivelados, com coroa e cetro, tendo ao peito refulgente emblema do Espírito Santo, vem debaixo de um pálio cujas varas são encarnadas. Dois mordomos de casaca, chapéu de pasta, espadim e calção, suspendem-lhe o manto. Seguem-lhe Carrapatini à frente da música, soldados em linha e povo.

Dão todos uma volta pela praça. Chico Inácio, a Madama e o Anjo sobem para o palanque, que foi transformado em império, depois que o leilão terminou. Cessa a música.)

CHICO INÁCIO (*Sentado no trono do lado da Madama.*) — Meus senhores, atenção!

MADAMA — *Attention! Attention!*

CHICO INÁCIO — Agradeço aos bons moradores deste arraial a ajuda que me deram para eu levar até o fim a festa do Divino. Ao vigário dos Tocos, de vir fazer a festa. Ao seu Frazão, o ter trazido a sua companhia dramática. Ao senhor Carrapatini, a sua banda.

CARRAPATINI — *Grazie tanti.*

CHICO INÁCIO — Agora vai-se fazer o sorteio do imperador do ano que vem. Neste chapéu... (*Procurando.*) Quê o chapéu?

ANJO (*Dando.*) — *Tá qui.*

CHICO INÁCIO (*Tomando o chapéu.*) — Neste chapéu estão os nomes das pessoas mais no caso de serem festeiras. (*Ao Anjo.*) Tire um papel, Bibi. (*O Anjo tira. Abre e lê.*) Rodopiano Nhonhô de Pau-a-Pique.

MADAMA — O meu palpite!

RODOPIANO — Eu, o festeiro? Vou para casa esperar a bandeira! (*Sai correndo.*)

CHICO INÁCIO (*Erguendo-se.*) — Vamos entregar a bandeira.

Toque a banda. Viva o imperador Pau-a-Pique!

TODOS — Viva! Viva! (*Forma-se a marcha. Toca a música e saem todos a dar vivas. Mutações.*)

QUADRO IX

Varanda em casa de Chico Inácio. Ao fundo, pátio iluminado por um luar intenso que clareia a cena. A direita, passagem para o interior da casa. À esquerda, primeiro plano, porta para o quarto de Pantaleão. No segundo plano, uma passagem que vai ter aos aposentos de Chico Inácio.

CENA I

PANTALEÃO, só.

PANTALEÃO (Saindo do seu quarto em mangas de camisa.) — Que maçada! Estou às escuras! Acabou -se o toco de vela que havia no meu castiçal, e não tenho outro. Não sei a quem pedir luz... Não quero chamar: seria um abuso. Aqui está claro, graças ao luar, mas lá no quarto está escuro que nem um prego... Ainda se tivesse vidraças, mas as folhas das janelas são de pau... Gastei toda a vela porque estive a escrever esta carta... É uma carta para Laudelina... Francamente, eu não vim cá por causa dela... vim por causa do meu drama... mas ontem quando a vi no Poder do Ouro, toda a minha paixão despertou. Era um leão que dormia dentro de um Pantaleão! É impossível que ela não se dobre aos argumentos (*Faz sinal de dinheiro.*) que encontrará aqui... O poder do ouro! A festa não me sairá barata, mas é um capricho, e mais vale um gosto que quatro vinténs. Espero que desta vez ela não se faça de manto de seda, e ceda. Se não cedeu em Tocos, foi por causa do tal galã empata-vasas. Estava cai, não cai, quando ele surgiu e fez todo aquele escândalo. Laudelina ficou, mais a velha, conversando com a família do Chico Inácio, que as convidou para comer canjica. Ah! Elas aí vêm. Por que meios conseguirei fazer chegar esta carta às mãos da minha bela?

CENA II

O MESMO, LAUDELINA e DONA RITA, entrando pela direita alta.

DONA RITA (Entrando.) — Decididamente, são muito amáveis.

LAUDELINA — Não há dúvida. Procuram todos os meios de agradar.

PANTALEÃO (Adiantando-se.) — Minhas senhoras.

DONA RITA — Ah! É o coronel? Que estava fazendo aqui?

PANTALEÃO — Saí do quarto para apreciar o luar desta varanda. Está admirável, não acham?

LAUDELINA (Secamente.) — Esplêndido. (*Deixa cair o lenço.*)

PANTALEÃO (À parte.) — Uh! Que bela ocasião! (*Apanha o lenço e [o] restitui depois de meter nele a carta.*)

LAUDELINA — Obrigada.

PANTALEÃO (*Baixinho, a Laudelina.*) — Leva recheio! (*Disfarçando.*) Hum, hum! (*Alto.*) Boa-noite, minhas senhoras.

DONA RITA — Boa-noite, seu Coronel.

PANTALEÃO (*À parte.*) — É minha! (*Entra no seu quarto.*)

DONA RITA — Então, menina, vamos para o quarto. (*Vendo que Laudelina fica imóvel, sem lhe responder.*) Que tens? Estás assim a modo que apalermada!

LAUDELINA — Sim, dindinha, apalermada é o termo.

DONA RITA — Por quê?

LAUDELINA — Pois não é que esse velho sem-vergonha, que já devia estar bem ensinado, aproveitou o ensejo de me entregar o lenço para me entregar também uma carta?

DONA RITA — Uma carta?

LAUDELINA — Sim, aqui está. (*Mostra a carta, que tira de dentro do lenço.*)

DONA RITA — Que desaforo!

LAUDELINA — Vou dá-la a seu Eduardo. (*Dá um passo para a direita.*)

DONA RITA (*Detendo-a.*) — Estás doida! Queres provocar novo escândalo?

LAUDELINA — Tem razão, mas que devo fazer?

DONA RITA — Restituir a carta a esse patife, sem abrir ela. Dá cá, eu me encarrego disso.

LAUDELINA — Mas ele há de ficar impune? (*Vendo entrar Frazão.*) Ah! Cá está quem vai decidir.

CENA III

AS MESMAS e FRAZÃO.

FRAZÃO — Que é isso? Ainda acordadas? É quase meia-noite.

DONA RITA — Estivemos com a família do Chico Inácio.

FRAZÃO — Eu fui fazer uma fezinha no *lasca*... Quem não arrisca não petisca... Entrei no jogo com um medo dos diabos... Vi os *turunas* cheios de pelegas de cem, de duzentos e quinhentos... Mas Deus é grande! ... Quando peguei no baralho, comecei por dois *doublés de cara*... Não capei... dei a terceira sorte... Depois veio um sete de cabeça para baixo... o sete de cabeça para baixo não falha!

LAUDELINA — Não falhou?

FRAZÃO — Qual falhou, qual nada! Oito sortes seguidas! Um chorrilho! Acabei dando lambujas fantásticas!... E justamente quando veio o azar, foi que ninguém lhe pegou! Enfim, (*Batendo na algibeira da calça.*) foi como se o M adureira houvesse respondido três vezes ao meu telegrama! Agora sim, agora estamos garantidos contra a miséria.

DONA RITA — Bravo!

LAUDELINA — Também eu tenho que lhe contar uma coisa.

FRAZÃO — Que é?

LAUDELINA — Quando entramos inda agora, estava aqui o coronel Pantaleão.

FRAZÃO — Meus pêsames.

LAUDELINA — Sabe que fez ele? Apanhou este lenço, que por acaso deixei cair, e ao entregar-me, meteu-me esta carta na mão.

FRAZÃO (*Tomando a carta.*) — Uma carta?

DONA RITA — Não acha o senhor que deve ser devolvida sem ser aberta?

FRAZÃO — Era o que faltava! Vejamos primeiramente o que ela diz. (*Abrindo resolutamente a carta.*) O luar é magnífico, mas leio com dificuldade. (*Dando a Laudelina uma caixa de fósforos.*) Faça o favor de ir riscando enquanto leio. (*Dona Rita, sem dizer nada, tira também uma caixa de fósforos e ambas, enquanto Frazão lê, vão riscando fósforos e alumando uma de um lado e outra do outro. Lendo.*) “Minha adorada Laudelina (*Passando os olhos.*) Hum...hum... (*Fala.*) Tudo isto são bobagens. Ah! (*Lendo.*) Tenho aqui no meu quarto a quantia de dois contos de réis a tua disposição, sob a condição de vires buscá-la

quando der meia-noite no relógio da capela. A essa hora todos estarão dormindo. Deste que te adora loucamente — Leãozinho.” Que grande bandalho!

DONA RITA — Que devemos fazer?

FRAZÃO — Homessa! Não há duas opiniões a respeito: apanhar os dois contos de réis.

LAUDELINA — Quê! Pois o senhor acha que eu?...

FRAZÃO — A senhora? Quem falou aqui da senhora? Vão ambas para o quarto e durmam sossegadas. Eu encarrego -me de tudo. Era o que faltava... Esse dinheiro compensará os prejuízos que aquele tipo nos causou, pois foi, não há dúvida, o seu drama que em Tocos escabriu o público e desmoralizou a companhia...

LAUDELINA — Mas será uma extorsão!...

FRAZÃO — Pode ser, mas eu não quero um vintém para mim. Será tudo distribuído pelos artistas, a título de receita eventual.

DONA RITA — Mas qual é o seu plano?

FRAZÃO — Depois saberão... Basta dizer-lhes que disto não lhes resultará mal algum. Só lhe peço uma coisa, Laudelina: empreste -me esse xale.

LAUDELINA (*Hesitando.*) — Meu xale?

FRAZÃO — Sim, dê cá. (*Toma-lho.*) Bom, vão dormir com Deus. (*Sai pela direita.*)

DONA RITA — É dos diabos este Frazão!

LAUDELINA — Mas que irá ele fazer?

DONA RITA — Naturalmente mandar a Margarida, ou a Josefina, ou a Isaura, em teu lugar ao quarto do Leãozinho.

LAUDELINA — Isso não. Esse homem vai julgar que sou eu.

DONA RITA — Apenas à primeira vista, por causa do xale vermelho, mas depois...

LAUDELINA — Eu achava melhor acordar seu Eduardo.

DONA RITA — Qual seu Eduardo, qual nada!... Seu Eduardo é um estabanado! Quer logo deitar o mundo abaixo! Deixa lá o Frazão: ele sabe como essas coisas se fazem e não será capaz de te comprometer. Vamos dormir.

LAUDELINA — Queira Deus! (*Saem pela direita.*)

CENA IV

CHICO INÁCIO, MADAMA e BONIFÁCIO.

(Entram os três cautelosamente em camisola de dormir. Bonifácio vem à frente trazendo um lampião.)

CANTO

OS TRÊS — Nós, sem primeiramente
A casa revistar,
Não vamos nos deitar.
Este costume, a gente
Não pode mais largar.
Pisando de mansinho
Pra não incomodar,
Cantinho por cantinho
Nós vamos revistar. (*Saem.*)

CENA V

PANTALEÃO, depois FRAZÃO.

PANTALEÃO (*Saindo do quarto.*) — Eu podia ter pedido um toco de vela a Dona Rita: não me lembrei. Decididamente, fico no escuro. Ora, o amor mesmo às escuras tem graça... Talvez seja melhor assim: Laudelina não terá vergonha e portanto se entregará com mais facilidade. Mas como são as mulheres! Aquela história do lenço não acudiria a um homem viajado! Ela percebeu que eu tinha uma carta engatilhada e deixou cair o lenço... Falta pouco! Que ansiedade! Que ansiedade!... (*Volta para o quarto.*)

FRAZÃO (*Entrando da direita vestido de mulher e com a cabeça envolvida no xale de Laudelina.*) — Arranjei um vestido da Josefina, que me ficou ao pintar. Eu já fiz um papel em que havia uma situação parecida com esta. Mas era no

teatro: não sei se na vida real a coisa se passará do mesmo modo. O que eu quero são os dois contos de réis na mão. (*Dá meianoite.*) Meia -noite! Está na hora. (*Vendo Pantaleão sair de um quarto.*) Lá vem o Leãozinho.

PANTALEÃO (*Vendo Frazão, à parte.*) — É ela! Eu não disse? Não há nada como o poder do ouro! (*Baixo.*) És tu, Laudelina?

FRAZÃO (*Baixo.*) — Sim!

PANTALEÃO (*Aproximando-se.*) — Como és boa! (*Toma-lhe a mão. À parte.*) Com que força aperta a mão. Ai! Que delícia! Que mãozinha de cetim!

FRAZÃO (*Baixinho.*) — Que é do dinheiro?

PANTALEÃO (*Idem.*) — Está ali.

FRAZÃO (*Idem.*) — Dê cá.

PANTALEÃO — Vou buscá-lo. (*À parte.*) Quer adiantado! Fiem-se lá nestas ingênuas.

FRAZÃO — Dê cá.

PANTALEÃO — Dar-to-ei logo que entres no meu quarto. Vamos, vamos, meu amor, porque aqui podemos ser surpreendidos. (*Puxa Frazão para o quarto.*)

FRAZÃO — Não, meu Deus! (*Cobre o rosto com as mãos.*)

PANTALEÃO — Deixa-te de luxos. Agora, que deste o primeiro passo, não podes recuar.

FRAZÃO — Que vai pensar de mim?

PANTALEÃO — O mesmo que a outra perguntou a Pedro I. Vamos.

FRAZÃO — Meu Deus! (*Pantaleão puxa-o. Entram ambos no quarto.*)

CENA VI

CHICO INÁCIO, MADAMA, BONIFÁCIO, depois FRAZÃO.

CANTO

OS TRÊS — Nós, sem primeiramente, etc.

(Terminado o canto, abre-se a porta do quarto de Pantaleão e sai Frazão a correr derrubando na passagem Chico Inácio, a Madama e Bonifácio, que gritam.)

CENA VI

CHICO INÁCIO, BONIFÁCIO, MADAMA, depois PANTALEÃO, depois DONA RITA, LAUDELINA, EDUARDO, VILARES, MARGARIDA, ISAURA, FLORÊNCIO, COUTINHO, VIEIRA, depois FRAZÃO.

CHICO INÁCIO e BONIFÁCIO *(No chão.)* — Ai! Ai!

MADAMA — *Au secours!*

PANTALEÃO *(Saindo do quarto a gritar.)* — Pega ladrão! Pega ladrão! *(Saem todos os artistas, sobressaltados, em camisolões de dormir trazendo castiçais com velas acesas.)*

CORO — Ai, quanta bulha, que alarido!
Que foi, que foi que se passou?
Foi o meu sono interrompido:
— Pega ladrão! alguém gritou.

PANTALEÃO — Sim, eu gritei: pega ladrão!

TODOS — É o coronel Pantaleão,
Pantaleão, Pantaleão.

FRAZÃO *(Entrando de camisola e castiçal.)*

— Que foi, meu caro amigo?

PANTALEÃO — Eu lhe digo... Eu lhe digo...
Um audaz ratoneiro, um bandido qualquer,
O meu quarto invadiu, disfarçado em mulher,
E dois contos de réis o ladrão me levou
E estendido no chão, a correr, me deixou!

CORO — Um audaz ratoneiro, um bandido qualquer,
O seu quarto invadiu, disfarçado em mulher,
E dois contos de réis o ladrão lhe levou

E estendido no chão, a correr, o deixou!

LAUDELINA — Sei o que foi, vou dizê-lo:
O coronel teve um sonho,
Ou antes um pesadelo,
Um pesadelo medonho.

CHICO, MADAMA e BONIFÁCIO — Eu tinha a casa revistado,
Ninguém aqui de fora entrou.

EDUARDO — Se estava o quarto bem fechado,
Como o ladrão lá penetrou?

MARGARIDA — Por que motivo, disfarçado,
O malfeitor no quarto entrou?

FRAZÃO — Eu também estou capacitado
De que o Pantaleão sonhou.

TODOS — Sei o que foi: basta vê-lo!
O coronel teve um sonho,
Ou antes um pesadelo,
Um pesadelo medonho.

PANTALEÃO (*Consigo.*) — Sem os dois contos fico:
Não posso me explicar,
Porque se eu abro o bico,
Se toda a coisa explico,
Pancada hei de apanhar.
(*Alto.*) Foi, foi, um sonho!

CORO — Sim, foi um sonho,
Um pesadelo medonho!

PANTALEÃO — Desculpem tê-los
Incomodado, senhores meus.
Boa-noite, e que desses pesadelos
Os livre Deus
Boa-noite!

TODOS — Boa-noite!

(*Todos, à exceção de Pantaleão, se retiram lentamente cantando o boa-noite.*)

PANTALEÃO (Só.) — Sim, senhor, dois contos de réis! Caro me custou a lição! Ah! Laudelina, Laudelina! Vais obrigar-me a ir ao Rio de Janeiro! É lá que te quero apanhar! (*Entra no quarto. Mutação.*)

QUADRO X

A cena representa um teatrinho improvisado. Ao fundo, o palco levantado sobre barricas. O pano está arriado: é uma colcha, O lugar da orquestra é separado da platéia por uma grade de pau tosca. Toda a cena é tomada pela platéia, cheia de longos bancos longitudinais. À direita, a entrada do público. À esquerda, uma porta que dá para o quintal de Chico Inácio, e pela qual passam os artistas. O teatro não tem camarotes. Ao levantar o pano, Bonifácio tem acabado de varrer o teatro e está arrumando os bancos.

CENA I

BONIFÁCIO, depois CHICO INÁCIO, MADAMA, depois um ESPECTADOR.

BONIFÁCIO (Só, arrumando os bancos.) — Tá tudo pronto. Agora só *farta acendê as irendela*. O drama de hoje parece que é *bão memo!* Seu Frazão faz de velho...

CHICO INÁCIO (*Entrando com a Madama da esquerda baixa.*) — Então, o teatro ainda está às escuras?

MADAMA — Fora o gasista!

BONIFÁCIO — Isto é um instantinho! (*Começa a acender os candeeiros, que são de petróleo.*)

CHICO INÁCIO — As nossas cadeiras estão no lugar?... (*Examinando a primeira fila, onde se acham duas cadeiras.*) Estão.

MADAMA — Devíamos ter mandado pôr também uma cadeira para o coronel Pantaleão.

CHICO INÁCIO — Ora, o coronel Pantaleão que vá para o diabo! Não lhe perdôo o ter-se engraçado... Então com quem?... Com a Laudelina, uma rapariga honesta, ajuizada...

MADAMA — Que simpatia você lhe tem!

CHICO INÁCIO — Eu sou assim... quando simpatizo com alguém, simpatizo mesmo!

MADAMA — Eu que o diga! Lembras-te? (*Apóia-se no ombro de Chico Inácio.*)

CHICO INÁCIO (*Sorrindo.*) — De quê?

MADAMA — De 1879?

CHICO INÁCIO — Olha o Bonifácio.

Coplas

I

MADAMA — Naquele belo, venturoso dia,
Em que te vi pela primeira vez,
Houve entre nós tamanha simpatia
Que outra maior não haverá talvez!
De outra mulher gostavas, mas, em suma,
Desde que tu me conheceste bem,
Tu nunca mais pensaste em mais nenhuma,
Tu nunca mais amaste a mais ninguém!

II

Correspondi ao teu bondoso afeto
Com toda a força do meu coração,
E à sombra amiga do teu doce teto
Achei sossego, achei consolação.
O meu passado é triste, mas perdoa,
Porque, ao ser tua, ao conhecer-te bem,
Eu nunca mais pensei noutra pessoa,
Eu nunca mais amei a mais ninguém!

CHICO INÁCIO — Pois sim, mas escusas de falar-me do passado...
Também eu tenho culpas no cartório...

MADAMA — Bem sei... tua filha...

CHICO INÁCIO — Falemos de coisas mais alegres.

MADAMA — *Avec plaisir.*

ESPECTADOR (*Entrando.*) — Parece que cheguei cedo.

CHICO INÁCIO — Que deseja?

ESPECTADOR — *Vancê mi dá dous mi réis de teatro?*

CHICO INÁCIO — A bilheteria é lá fora, mas é cedo para entrar. Agora é que se estão acendendo as luzes, não vê? (*Empurrando-o para fora.*) Entre quando entrar a música. Nem o porteiro está no lugar.

ESPECTADOR — Então até logo, seu Chico Inácio. A sua festa tem estado de primeira!

CHICO INÁCIO — É... tem estado de primeira, mas vá-se embora.

(*Espectador sai.*)

BONIFÁCIO (*Que tem acabado de acender as luzes.*) — Pronto!

FRAZÃO (*Caracterizado de velho, com cabeleira e barbas brancas, aparecendo por trás da colcha.*) — Ó seu Bonifácio!

BONIFÁCIO — Que é?

FRAZÃO — Diga a seu Vilares, a seu Vieira e a dona Rita que são horas. Eles estão esperando para passar, que a platéia fique cheia de espectadores.

MADAMA — Aí vêm eles!

FRAZÃO — Bom! (*Desaparece.*)

CENA II

OS MESMOS, DONA RITA, VILARES, VIEIRA.

(*Todos três vestidos a caráter. Vieira traz o vestuário dos lacaios do teatro clássico francês.*)

DONA RITA (*Da porta da esquerda.*) — Ainda não está ninguém?

CHICO INÁCIO — Não. Pode passar.

DONA RITA (*Atravessando a cena a correr.*) — Eu! Eu a fazer ingênuas!
(*Desaparece ao fundo.*)

VILARES (*Atravessando a cena.*) — E eu ser obrigado a amar esta matrona! Isto só no Pito Aceso! (*Desaparece ao fundo.*)

BONIFÁCIO (*Vendo Vieira e rindo-se a perder.*) — Ah! ah! ah! Sim, senhor! Isto é que é um diabo jocoso!...

VIEIRA (*Sempre muito triste.*) — Felizmente é o último espetáculo... Vou breve abraçar a família... (*Atravessa a cena e desaparece ao fundo, como os demais.*)

CHICO INÁCIO — Este Vieira acaba suicidando-se!

MADAMA — Vamos para os nossos lugares?

CHICO INÁCIO — Espera. Temos tempo.

CENA III

[*OS MESMOS*], CARRAPATINI, músicos.

CARRAPATINI (*Aos músicos.*) — *É molto cedo.*

CHICO INÁCIO — Não é muito cedo, não.

CARRAPATINI (*Cumprimentando.*) — Oh! *Signor* Chico Inácio... Madama...

CHICO INÁCIO — Ó maestro, veja se hoje você varia um pouco o repertório... Você tem nos impingido todas as noites as mesmas músicas!

CARRAPATINI — *Si... no há molta varietà ! ... ma no se puó dire que non sia un repertório de primo cartelo! Habiamo tutte le novità musicali !*

MADAMA — Pois sim! (*Carrapatini vai com os músicos para a orquestra e começa a afinar os instrumentos.*)

CHICO INÁCIO — Vá para a porta, Bonifácio, e veja lá! Não deixe ninguém entrar sem bilhete!...

BONIFÁCIO — Povo *tudo* já tá esperando. (*Vai para a porta. Desde esse momento em diante vão entrando espectadores, isolados ou por família. Grande rumor. Cena muda. Aos poucos, o teatrinho enche-se completamente, e*

todos os lugares ficam ocupados. Pantaleão entra e vai, com Chico Inácio e Madama, tomar lugar na primeira fila. Durante este tempo, os músicos afinam os instrumentos) Sim... não há muita variedade!... mas não se pode dizer que não seja um repertório de primeira categoria. Temos todas as novidades musicais! (os espectadores conversam uns com os outros. Quadro animado, cujo resultado os autores confiam à inteligência do ensaiador. Os atores que não figuram mais na peça podem, caracterizados, fazer número entre os espectadores, para que a cena não fique entregue exclusivamente à comparsaria, da qual não é possível esperar coisa com jeito. É preciso que todos concorram com a sua boa vontade para que este quadro, de uma execução difícil, dê um resultado satisfatório.)

CENA IV

CHICO INÁCIO, MADAMA, PANTALEÃO, BONIFÁCIO, CARRAPATINI, músicos, espectadores, FRAZÃO.

FRAZÃO (Deitando a cabeça fora do pano.) — Ó seu Chico Inácio!

ESPECTADORES (Rindo.) — Ah! ah! ah! Bravos, ó Frazão!...

CHICO INÁCIO — Que é?

FRAZÃO — Não é nada. Apenas queria saber se o senhor estava aí, para não nos acontecer o mesmo que o outro dia, em que tivemos de repetir o primeiro ato. (Risadas dos espectadores.) Ó Carrapato, vamos com isto!

CARRAPATINI — Carrapato, non: Carrapatini! (Nova risada dos espectadores. Frazão desaparece. A sala está de bom humor A música toca uma peça a que o público dá pouca atenção. Continuam a entrar alguns espectadores retardatários. Bonifácio, à porta, de vez em quando tem uma pequena discussão. Afinal, cessa a música e restabelece-se o silêncio. Pausa. Ouve-se um apito. Depois outro. Sobe o pano.)

CENA V

OS MESMOS, VIEIRA, depois VILARES.

(A cena do teatro representa uma praça. Vieira está em cena com uma carta na mão. Representa o baixo cômico de um modo muito exagerado.)

VIEIRA — Coitado do meu amo, o senhor Lisardo!... Por causa destes amores o

pobrezinho não dorme, não come, não bebe, não... hum... hum... (*Gargalhada do público.*)

BONIFÁCIO (*Da porta.*) — Ah, danado!

VIEIRA — Está desesperado, coitadinho, e quando ele está desesperado quem paga sou eu, que logo me transforma em caixa de pontapés!... (*Risadas do público.*) Se ele me pagasse os salários com a mesma facilidade com que me dá pontapés, eu seria o mais feliz dos lacaios!... Ah, mas desta vez outro galo cantará, porque tenho aqui uma cartinha que lhe dirige a formosa Urraca! (*Examinando se a carta está bem fechada.*) Se eu pudesse ler antes dele... Os criados devem conhecer os segredos dos patrões...

BONIFÁCIO — Ah, ladrão!...

ALGUNS ESPECTADORES — Psiu! Psiu!...

VIEIRA — A carta está mal fechada... Que tentação!...

VILARES (*Que tem entrado sem ser pressentido, dando um grande pontapé em Vieira.*) — Patife! (*Grande risada do público.*)

BONIFÁCIO — Bem feito!...

VIEIRA (*Sem olhar para trás.*) — É ele, é o senhor Lisardo!... O meu posterior está tão familiarizado com aquele pé que não há meio de o confundir com outro!

VILARES — Ó tratante! Pois não te voltas! (*Dá-lhe outro pontapé. Risadas.*)

VIEIRA (*Sem se voltar.*) — Outro! Este foi mais taludo que o primeiro! Pôs-me as tripas em revolução! (*Risadas.*)

VILARES — Se não te voltas, apanhas outro!

VIEIRA (*Voltando-se.*) — Não vos incomodeis, senhor meu amo: bastam dois.

VILARES — Olha, se queres outro, não faças cerimônias...

(*Risadas*)

VIEIRA — Sei que sois muito liberal..., sei que sois um mãos largas... quero dizer um pés -largos, e não me despeço do favor, mas por ora falta-me o apetite! (*Risadas.*)

BONIFÁCIO — Apetite de pontapé! Que ladrão!...

VILARES — Anda! Dá-me essa carta!...

VIEIRA — Aqui a tendes. É da formosa Urraca!

VILARES — Dela?! E fazias-me esperar, maldito! (*Toma-lhe a carta das mãos. Lendo-a.*) Que vejo! Urraca dá-me uma entrevista nesta praça!...

VIEIRA — Ela espera apenas que eu lhe faça um sinal.

VILARES — Falaste -lhe?

VIEIRA — Falei-lhe, sim, senhor.

VILARES — Que te disse ela?

VIEIRA (*Imitando voz de mulher.*): “Tareco, meu Tarequinho, dize a teu amo que o amo, e que me espere na praça. Lá irei a um sinal teu!” (*Risadas dos espectadores. Roda de palmas.*)

VILARES — Então, faze-lhe o sinal.

VIEIRA (*Depois de fazer sinais para fora.*) — Ela aí vem!

VILARES — Ó suprema dita!... Retira-te, mas não vás para muito longe. (*Vieira sai, resguardando o assento para não levar outro pontapé. Risadas.*)

BONIFÁCIO — Tá co medo do pé do patrão!

CENA VI

OS MESMOS, DONA RITA, depois FRAZÃO e depois VIEIRA.

DONA RITA (*Entrando, saltitante.*) — Lisardo!

VILARES — Urraca! (*Enlaça-a com dificuldade.*)

DONA RITA — Ó meu belo cavalheiro! Não calculas como tardava ao meu coração este momento ditoso! Sabeis? Meu pai quer meter-me no convento das Ursulinas...

VILARES — Que ouço?

BONIFÁCIO — Coitada!

DONA RITA — É absolutamente preciso que me rapeis hoje mesmo...

VILARES — À primeira pancada da meia -noite estarei debaixo da vossa janela com uma escada de seda e dois fogosos corcéis que nos transportarão longe, bem longe daqui!

DONA RITA — Sim, meu belo cavalheiro! Até à meia -noite!... Sou vossa!...

FRAZÃO (*Entrando.*) — Maldição!... Maldição!... Filha desnaturada!...

DONA RITA (*Com um grito.*) — Ah! (*Foge. Frazão vai persegui-la. Vilares toma-lhe a passagem.*)

VILARES — Senhor conde!...

FRAZÃO — Deixa-me passar, vilão ruim!

VILARES — Não passareis!

FRAZÃO (*Desembainhando a espada.*) — Abrirei com a minha espada um caminho de sangue!...

VILARES (*Desembainhando a espada.*) — Encontrareis ferro contra ferro! Em guarda!...

FRAZÃO — Encomenda a tua alma a Deus! ... (*Batem-se em duelo. O público aplaude com entusiasmo.*)

VIEIRA (*Entrando.*) Meu amo bate-se? Devo salvá-lo. Vou empregar o seu processo!... (*Dá pontapé em Frazão que se volta. Vilares foge.*)

FRAZÃO — Quem foi o miserável? (*Agarrando Vieira.*) Vou matar-te como se mata um cão!

VIEIRA (*Gritando.*) — Desculpai! ... Julguei que fosse meu primo!

FRAZÃO — Infame! (*Outro tom.*) As barricadas estão dando de si! O palco vai abaixo! (*Cai o palco com Frazão e Vieira, que gritam. Todos os espectadores se levantam assustados. Grande confusão.*)

CORO — O teatro foi abaixo!
Que terrível confusão!
Coitadinho do Vieira!
Pobrezinho do Frazão!
Apanharam ambos eles
Um tremendo trambolhão!
O teatro foi abaixo!
Que terrível confusão! (*Mutação.*)

QUADRO XI

A mesma cena do Quadro 9, mas de dia.

CENA I

PANTALEÃO, só.

PANTALEÃO (*Saindo do seu quarto.*) — A companhia está se aprontando para partir... Também eu parto! Vou a Tocos, ponho em ordem os meus negócios, e de lá sigo para o Rio de Janeiro. Não descansarei enquanto Laudelina não me pertencer! O que me está aborrecendo é o material da *Passagem do Mar Amarelo*, que tem que voltar comigo para Tocos. Também que lembrança a minha! O meu drama poderia ser lá representado num teatro daqueles! ... Um teatro que cai!...

CENA II

OS MESMOS, LAUDELINA, DONA RITA, EDUARDO, vêm todos três prontos para a viagem (depois CHICO INÁCIO e MADAMA).

EDUARDO — Senhor coronel, estas senhoras e eu andávamos à procura.

PANTALEÃO — Ah! Já sei, resolveram entrar em acordo comigo para a aquisição do material do meu drama.

LAUDELINA — Não, senhor, não é isso!

EDUARDO — A Companhia Frazão resolveu unanimemente restituir -lhe estes dois contos de réis, que lhe foram subtraídos por brincadeira... (*Dá-lhe o dinheiro.*)

PANTALEÃO (*Contente.*) — Ah! Foi brincadeira?

DONA RITA — Nós três fomos incumbidos de lhe fazer esta restituição.

PANTALEÃO — Muito obrigado. Já lhes tinha chorado por alma.

(*Entram Chico Inácio e a Madama, também prontos para sair. Ele de botas e rebenque, ela de amazona.*)

CHICO INÁCIO (*Entrando.*) — Estão prontos? Tomaram todos o café?

DONA RITA — Com bolo de milho.

CHICO INÁCIO — Vou acompanhá-los até fora da povoação. A Madama também vai.

MADAMA — *Avec plaisir.*

CHICO INÁCIO — Dona Laudelina, creia sinceramente que deixa aqui um verdadeiro amigo. Vou dar à sua madrinha este cartão com o meu nome, para que em qualquer circunstância da vida não se esqueçam de mim. Recorram ao Chico Inácio como se o fizessem a um parente rico.

DONA RITA (*Que toma o cartão, lendo-o com um grito.*) — Que é isto?!

TODOS — Que é?

DONA RITA — O senhor chama-se Ubatatá?

CHICO INÁCIO — Francisco Inácio Ubatatá. Mas que tem isso?

DONA RITA — Dar-se-á caso que... O senhor esteve no Rio de Janeiro em 1879?

MADAMA — Esteve. Foi quando me conheceu.

DONA RITA — E quando conheceu a Florentina Gaioso... Lembra-se?...

CHICO INÁCIO — A Florentina Gaioso... sim!... Pois a senhora sabe?

DONA RITA — Sei tudo!

CHICO INÁCIO — Onde está ela?

DONA RITA — No céu!

MADAMA (*À parte.*) — *Tant mieux!*

CHICO INÁCIO — E... minha filha? Que fim levou minha filha?

DONA RITA — Que fim levou? (*Solenemente, a Laudelina.*) — Laudelina, abrace seu pai!...

TODOS — Seu pai!...

CHICO INÁCIO — Ela!...

LAUDELINA — Meu pai!...

DONA RITA — Sim, esta é a filha da pobre Florentina, que morreu nos meus braços, abandonada pelo Ubatatá!

CHICO INÁCIO (*Dramático.*) — Oh! Cale-se!...

DONA RITA — Agradeça-me! Fui eu que a eduquei.

CHICO INÁCIO — Minha filha! (*Abraçando Laudelina.*) Havia não sei o quê que me dizia ao coração que eu era teu pai!

PANTALEÃO — A voz do sangue!

CHICO INÁCIO — Desta vez não sairás da minha companhia... A Madama consente...

MADAMA — *Avec plaisir.*

CHICO INÁCIO — Foi mesmo uma condição do nosso casamento.

LAUDELINA — Perdão, meu pai, mas eu sou noiva de seu Eduardo... (*Vai tomar Eduardo pela mão.*)

CHICO INÁCIO — De um ator...

EDUARDO — Perdão, não sou ator, sou empregado no comércio do Rio de Janeiro. Estou com licença dos patrões.

CHICO INÁCIO — Pois peça uma prorrogação da licença, porque desejo que o casamento se realize aqui. Mandarei vir os papéis.

CENA III

OS MESMOS, FRAZÃO.

FRAZÃO (*Entrando, preparado para a viagem.*) — Os nossos companheiros estão *todos* na praça à nossa espera. Vamos!

LAUDELINA — Sabe, senhor Frazão? Encontrei meu pai. (*Apontando para Chico Inácio.*) É ele!...

EDUARDO — Ele!

DONA RITA — Ele!

MADAMA — Ele!

PANTALEÃO — Ele!

CHICO INÁCIO — Eu!

FRAZÃO — O senhor é que era o Ubatatá?

CHICO INÁCIO — Era e sou!

FRAZÃO — Pois, senhores, para alguma coisa serviu tê-la trazido no mambembe.

PANTALEÃO (*À parte.*) — Perdi-lhe as esperanças...

LAUDELINA (*Triste.*) — Mas devo deixar o teatro...

FRAZÃO — Não te entristeças por isso, filha: o nosso teatro, no estado em que presentemente se acha, não deve seduzir ninguém. Espera pelo Teatro Municipal.

TODOS — Quando?

FRAZÃO — O edifício já temos... Ei-lo!... Falta o resto... (*Aponta para o fundo. Mutações.*)

QUADRO XII

O futuro Teatro Municipal

CAI O PANO

BIOGRAFIA

Artur Azevedo (A. Nabantino Gonçalves de A.), jornalista e teatrólogo, nasceu em São Luís, MA, em 7 de julho de 1855, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 22 de outubro de 1908. Figurou, ao lado do irmão Aluísio de Azevedo, no grupo fundador da Academia Brasileira de Letras, onde criou a Cadeira nº 29, que tem como patrono Martins Pena.

Foram seus pais David Gonçalves de Azevedo, vice-cônsul de Portugal em São Luís, e Emília Amália Pinto de Magalhães, corajosa mulher que, separada de um comerciante com quem casara a contragosto, já vivia maritalmente com o funcionário consular português à época do nascimento dos filhos: três meninos e duas meninas. Casaram-se posteriormente, após a morte na Corte, de febre amarela, do primeiro marido. Aos oito anos Artur já demonstrava pendor para o teatro, brincando com adaptações de textos de autores como Joaquim Manuel de Macedo, e pouco depois passou a escrever as peças que representava. Muito cedo começou a trabalhar no comércio. Depois foi empregado na administração provincial, de onde foi demitido por ter publicado sátiras contra autoridades do governo. Ao mesmo tempo lançava as primeiras comédias nos teatros de São Luís. Aos quinze anos escreveu a peça *Amor por anexins*, que teve grande êxito, com mais de mil representações no século passado. Ao incompatibilizar-se com a administração provincial, concorreu a um concurso aberto, em São Luís, para o preenchimento de vagas de amanuense da Fazenda. Obtida a classificação, transferiu-se para o Rio de Janeiro, no ano de 1873 e obteve emprego no Ministério da Agricultura.

A princípio, dedicou-se também ao magistério, ensinando Português no Colégio Pinheiro. Mas foi no jornalismo que ele pôde desenvolver atividades que o projetaram como um dos maiores contistas e teatrólogos brasileiros. Fundou publicações literárias, como *A Gazetinha*, *Vida Moderna* e *O Álbum*. Colaborou em *A Estação*, ao lado de Machado de Assis, e no jornal *Novidades*, onde seus companheiros eram Alcindo Guanabara, Moreira Sampaio, Olavo Bilac e Coelho Neto. Foi um dos grandes defensores da abolição da escravatura, em seus ardorosos artigos de jornal, em cenas de revistas dramáticas e em peças dramáticas, como *O Liberato* e *A família Salazar*, esta escrita em colaboração com Urbano Duarte, proibida pela censura imperial e publicada mais tarde em volume, com o título de *O escravocrata*. Escreveu mais de quatro mil artigos sobre eventos artísticos, principalmente sobre teatro, nas seções que manteve, sucessivamente, em *O País* ("A Palestra"), no *Diário de Notícias* ("De Palanque"), em *A Notícia* (o folhetim "O Teatro"). Multiplicava-se em pseudônimos: Elói o herói, Gavroche, Petrônio, Cosimo, Juvenal, Dorante, Frivolino, Batista o trocista, e outros. A partir de 1879 dirigiu, com Lopes Cardoso, a *Revista do*

Teatro. Por cerca de três décadas sustentou a campanha vitoriosa para a construção do Teatro Municipal, a cuja inauguração não pôde assistir.

Embora escrevendo contos desde 1871, só em 1889 animou-se a reunir alguns deles no volume *Contos possíveis*, dedicado a Machado de Assis, seu companheiro na secretaria da Viação e um de seus mais severos críticos. Em 1894, publicou o segundo livro de histórias curtas, *Contos fora de moda*, e mais dois volumes, *Contos cariocas* e *Vida alheia*, constituídos de histórias deixadas por Artur de Azevedo nos vários jornais em que colaborara.

No conto e no teatro, Artur Azevedo foi um descobridor do cotidiano da vida carioca e observador dos hábitos da capital. Os namoros, as infidelidades conjugais, as relações de família ou de amizade, as cerimônias festivas ou fúnebres, tudo o que se passava nas ruas ou nas casas forneceu assunto para as histórias. No teatro foi o continuador de Martins Pena e de França Júnior. Nelas teremos sempre um documentário sobre a evolução da então capital brasileira. Teve em vida cerca de uma centena de peças de vários gêneros e mais trinta traduções e adaptações livres de peças francesas encenadas em palcos nacionais e portugueses. Ainda hoje continua vivo como a mais permanente e expressiva vocação teatral brasileira de todos os tempos, através de peças como *A jóia*, *A capital federal*, *A almanarra*, *O mambembe*, e outras.

Outra atividade a que se dedicou foi a poesia. Foi um dos representantes do Parnasianismo, e isso meramente por uma questão de cronologia, porque pertenceu à geração de Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac, todos sofrendo a influência de poetas franceses como Leconte de Lisle, Banville, Coppée, Heredia. Mas Artur Azevedo, pelo temperamento alegre e expansivo, não tinha nada que o filiasse àquela escola. É um poeta lírico, sentimental, e seus sonetos estão perfeitamente dentro da tradição amorosa dos sonetos brasileiros.

Academia Brasileira de Letras
Fevereiro, 2014